

# PERNAMBUCO

FABIO SEIXO



# CIDADE DE DEUS

*Vinte anos após o livro de Paulo Lins, fomos ver as narrativas, críticas e iniciativas artísticas na favela cujo nome rodou o mundo*

# CARTA DOS EDITORES

“ Eu queria muito estar que nem meus amigos playboys, escrevendo poemas de amor. Mas eu estou completamente estressada com as notícias de gente morrendo aqui na rua de trás.”

A declaração acima é de Vivi Salles, da Cidade de Deus, e diz mais do que qualquer coisa que este editorial poderia expressar. Ainda assim, é preciso falar que, mesmo quando a violência assola a favela, é possível fazer arte e exercer o protagonismo sobre a própria narrativa. Mesmo que as dificuldades sejam enormes. Na reportagem de capa desta edição, o jornalista Leonardo Nascimento e o fotógrafo Fabio Seixo registraram iniciativas surgidas na Cidade de Deus que buscam “segurar nas mãos a própria história”. Em 2017, quando a obra de Paulo Lins completa 20 anos, nos perguntamos: como ela influenciou as pessoas da favela que narram o seu lugar? E o filme de Fernando Meirelles e Katia Lund, que levou o nome desse lugar para o mundo todo, quais os problemas na forma

como pautou a comunidade? Temas complexos que resolvemos abordar nesta edição.

Nossa capa emula essas iniciativas de reescritura da Cidade de Deus pelas pessoas que moram nela. Tomamos o cartaz do filme como base para a imagem, a fim de mostrar alguns dos agentes que desejam e trabalham para experimentar esteticamente o lugar onde vivem.

Também trazemos uma entrevista com Joselia Aguiar, curadora da *Flip*, falando sobre suas escolhas e pensando alguns debates do meio literário; os 40 anos de morte de Nabokov em um breve perfil escrito por Fernando Monteiro; inéditos da poeta polonesa Anna Świrszczyńska, em tradução assinada por Piotr Kilanowski; um trecho do novo romance de Micheline Verunschik, recentemente lançado; o tradutor Frederico Lourenço relata suas motivações para traduzir a *Bíblia* do grego para o português e a jornalista Mariana Sanchez faz o perfil da Biblioteca Nacional Argentina

**Uma boa leitura a todas e todos.**

## COLABORAM NESTA EDIÇÃO



**Fabio Seixo**, fotógrafo, formado em jornalismo (UFRJ). Colabora para várias publicações brasileiras realizando editoriais e ensaios



**Frederico Lourenço**, tradutor e professor da Universidade de Coimbra (Portugal)



**Leonardo Nascimento**, jornalista e produtor cultural, autor da reportagem de capa desta edição

**Fernando Monteiro**, poeta, escritor e cineasta, autor de *Armada América*; **Mariana Sanchez**, jornalista e tradutora; **Micheline Verunschik**, poeta e romancista, autora de *Aqui, no coração do inferno*; **Piotr Kilanowski**, tradutor e professor da UFPR

## EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador  
Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador  
Raul Henry

Secretário da Casa Civil  
Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente  
Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição  
Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro  
Bráulio Meneses

## PERNAMBUCO

**Cepe**  
EDITORA

Uma publicação da Cepe Editora  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
Pernambuco – CEP: 50100-140

Redação: (81) 3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUPERINTENDENTE DE PRODUÇÃO EDITORIAL  
Luiz Arrais

EDITOR  
Schneider Carpeggiani

EDITOR ASSISTENTE  
Igor Gomes

DIAGRAMAÇÃO E ARTE  
Hallina Beltrão, Janio Santos e Maria Júlia Moreira

TRATAMENTO DE IMAGEM  
Agelson Soares

REVISÃO  
Maria Helena Pôrto

COLUNISTAS  
Everardo Norões, José Castello, Marco Polo e Mariza Pontes

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Júlio Gonçalves, Eliseu Souza, Márcio Roberto, Joselma Firmino e Sôstenes Fernandes

MARKETING E VENDAS  
Daniela Brayner, Rafael Chagas e Rosana Galvão

E-mail: [marketing@cepe.com.br](mailto:marketing@cepe.com.br)  
Telefone: (81) 3183.2756

SUA REVISTA DE CULTURA  
AGORA, TAMBÉM,  
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista *Continente* e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

[revistacontinente.com.br](http://revistacontinente.com.br) | [f/revistacontinente](https://www.facebook.com/revistacontinente) | [@revistacontinente](https://www.instagram.com/revistacontinente) | [@revistacontinente](https://www.youtube.com/revistacontinente)

## BASTIDORES

# Traduzir: esse esforço para abrir portas

Os afetos e cuidados que atravessam a recente edição do *Novo Testamento* lançada no país – parte de um projeto que deve verter toda a Bíblia do grego ao português

MARIA JÚLIA MOREIRA



### Frederico Lourenço

**Qualquer pessoa** que empreende sozinha uma nova tradução da *Bíblia* tem de ter a coragem das suas convicções. No meu caso, não se trata tanto de convicções religiosas, pois embora tenha sido educado como católico, não sou hoje membro de nenhuma igreja e não me revejo em nenhuma religião. Gosto, no entanto, do estudo das religiões, algo que me fascina desde criança. E mesmo sem ser formalmente cristão, o estudo que mais me apaixonou é o estudo do *Novo Testamento*, que para mim tem a enorme vantagem de ter sido escrito em grego e de constituir, para todos os efeitos práticos, um marco fundamental na história da literatura grega.

Dentro do *Novo Testamento*, a minha primeira paixão foi o estudo dos quatro Evangelhos. Assim, este projecto de tradução da *Bíblia* começou simplesmente como o projecto de fazer uma nova tradução dos Evangelhos, anotados e comentados de uma perspectiva crítico-histórica. Este aspecto é muito importante, pois dei-me conta de que em Portugal fazia falta essa perspectiva. Sendo um país maioritariamente católico, em Portugal as pessoas acham que o estudo da *Bíblia* é o estudo da interpretação teológica católica da *Bíblia*. Pensei que era muito importante as pessoas terem noção de que os textos que a compõem têm realidade independente da interpretação católica que deles é feita. Na mesma medida, existem também como realidades históricas independentemente da leitura protestante. Senti que quem se interessa pela história do Cristianismo de uma perspectiva apenas histórica e académica precisaria de instrumentos em língua portuguesa para prosseguir esse estudo, fora do âmbito das Bíblias católicas e protestantes.

Tendo o projecto começado com enfoque exclusivo no *Novo Testamento*, rapidamente me apercebi do interesse enorme em traduzir para português o Antigo Testamento grego, conhecido como Septuaginta. Isto porque a Septuaginta era a Escritura dos primeiros cristãos, como vemos pelo facto de as citações do *Antigo Testamento* no interior do *Novo Testamento* partirem do texto da Septuaginta. Dado que o texto grego do Antigo Testamento apresenta muitas diferenças em relação ao texto hebraico, pensei que seria fundamental as pessoas terem a possibilidade de conhecê-lo como era lido, pelos primeiros cristãos: em grego.

Neste momento, os dois volumes referentes ao *Novo Testamento* já foram publicados em Portugal. No Brasil, já saiu o primeiro volume, que contém os Quatro Evangelhos (publicado pela Companhia das Letras). Encontro-me a trabalhar na tradução do *Antigo Testamento*, que está a ser uma aprendizagem extraordinária. Ao mesmo tempo, devo dizer que a minha paixão pela problemática do *Novo Testamento* e pela história dos primeiros séculos do Cristianismo não para de crescer. Estou certo de que, quando

acabar a tradução da *Bíblia*, me voltarei a dedicar ao estudo do *Novo Testamento*.

Muitas pessoas me têm perguntado se o trabalho sobre a tradução da *Bíblia* não tem causado na minha cabeça uma reaproximação relativamente às igrejas cristãs. Até hoje isso não aconteceu. O principal efeito tem sido a mudança nos meus interesses no que toca à literatura grega. Sou professor de Grego na Universidade de Coimbra desde 2009. Antes disso, ensinei durante 20 anos na Universidade de Lisboa. Publiquei em Portugal e no Brasil traduções da *Ilíada* e da *Odisseia* e escrevi bastante sobre literatura grega clássica. Hoje, não obstante a paixão continuada pelos autores gregos clássicos, é a literatura em língua grega dos primeiros cristãos que me prende. Penso que tão cedo não me vai largar.

Uma das grandes dificuldades de traduzir a Bíblia é a sua extensão: requer uma disciplina muito grande. Há livros no *Antigo Testamento* que são gigantescos: os livros dos profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel; e também livros como *Gênesis* ou *Êxodo*. Outro bloco colossal é constituído pelos *Salmos*. De um modo geral, a língua portuguesa presta-se bastante bem a este trabalho, porque muitas vezes consigo manter a ordem das palavras que está na frase grega. Isto poderá ajudar pessoas que futuramente se interessem por ler a minha tradução da *Bíblia* grega acompanhando a leitura com uma edição do texto em grego. Tal como no caso da tradução que fiz de Homero, prezo muito a literalidade: na minha opinião, a obrigação do tradutor é de transmitir de forma tão rigorosa quanto possível o que está na língua original.

Hoje em dia, espalha-se cada vez mais a ideia de que a tradução da *Bíblia* pode ser dinâmica, espelhando já a interpretação teológica que dela possam fazer protestantes ou católicos. Isto veda o acesso ao que está realmente no texto às pessoas que não dominam as línguas antigas. Uma tradução da *Bíblia* não se deve pautar, a meu ver, pela vontade de dar a ler um texto em português fácil de entender. O critério deve ser rigoroso. Na minha opinião, uma boa tradução portuguesa da *Bíblia* deve ser uma porta de acesso à letra do texto (com todos os seus problemas em termos de transmissão manuscrita): deve permitir às pessoas que não lêem grego (ou hebraico) um acesso ao texto tão próximo quanto possível daquele que têm as pessoas que dominam essas línguas. A missão do tradutor, para mim, é essa. A minha tradução da *Bíblia* é para leitores inteligentes: porque todo o esforço do meu trabalho se baseou no respeito pela sua inteligência.

### O LIVRO



**Bíblia – Novo Testamento**  
Editora Companhia das Letras  
Páginas 424  
Preço R\$ 69,90

## PERFIL

# Lá, as galerias não são tão hexagonais

Das prateleiras e disputas que envolvem a Biblioteca Nacional Argentina

Mariana Sanchez

ARTE SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



**Tomo o ônibus 92** e desço na Avenida Las Heras, no Bairro da Recoleta. Sigo pela Rua Agüero, escalo a rampa de concreto projetada por Clorindo Testa nos anos 1960 e subo ao quinto andar. O elevador está repleto de brasileiros e colombianos e outros imigrantes cursando Medicina na Universidade de Buenos Aires. Consulto o catálogo online – são mais de um milhão e meio de obras cadastradas no sistema – e posso solicitar até três por vez. O pedido é enviado ao depósito subterrâneo – nove metros abaixo do térreo, 19 mil m<sup>2</sup> de área, estendendo-se por toda a quadra – e os livros sobem por monta-cargas até a sala de leitura, onde são anunciados por televisores (duração média: 15 minutos). No primeiro andar, uma exposição relembra o escritor Rodolfo Walsh 60 anos após *Operação massacre*, sua obra mais emblemática. Enquanto isso, na hemeroteca, quem sabe alguém estará consultando o jornal *La Gazeta de Buenos Ayres* de 13 de setembro de 1810, que anunciava justamente a criação da Biblioteca Pública da cidade.

Volto ao quinto piso, retiro meus livros e sento em uma das mesas coletivas da antiga sede, com seu indefectível mobiliário iluminado por abajures verdes. No sexto e último andar, espécie de mirante sobre o Rio da Prata, estudantes devoram livros e alfajores Jorgito entre sorvos de mate.

Eis um dia comum na Biblioteca Nacional Mariano Moreno (BNMM), em Buenos Aires.

\*\*\*

Em março de 2017, a Editora Penguin Random House listou as 25 melhores bibliotecas do mundo. Casualmente, as duas bibliotecas nacionais mais importantes da América Latina foram fundadas no mesmo ano, mas em contextos diferentes, já que em 1810 o Brasil ainda era colônia de Portugal, enquanto a Argentina iniciava naquele mesmo ano sua Revolução de Maio, que culminaria com a independência.

“A Biblioteca Nacional do Brasil surge das grandes embarcações que trouxeram Dom João VI e sua corte ao Rio de Janeiro em 1808, portanto, já nasce com um caudal bibliográfico importante e que a diferencia até hoje (a comitiva do rei desembarcara cerca de 60 mil itens). Já a Argentina inicia com pouco mais de 1.500, fruto de doações dos primeiros independentistas e da expropriação de livros jesuíticos de monastérios de Córdoba pelos primeiros exércitos da Independência”, compara o ex-diretor Horácio González,

autor de *Historia de la Biblioteca Nacional*, editado pela própria em 2010.

Mas se, por um lado, a brasileira possui cerca de 10 milhões de obras catalogadas – mais que o triplo do acervo argentino –, por outro, sua *hermana* recebe um público oito vezes maior. Só no ano passado, das 216.559 pessoas que passaram pelas salas de leitura, 108.156 consultaram materiais (no endereço carioca, cidade com três vezes a população portenha, a média mensal é de 1.100 pesquisadores presenciais e 360 pedidos à distância). A massiva imigração universitária da última década em Buenos Aires, a condição nuclear da capital como único centro do país e um maior índice de leitura por habitante podem ser pistas para explicar o fato – o horário de funcionamento estendido até a meia-noite é só a cereja do bolo.

\*\*\*

Na Sala do Tesouro estão as obras completas de Diderot que pertenceram ao general San Martín; *O contrato social* de Rousseau com prólogo do fundador da Biblioteca, Mariano Moreno; uma edição de 1487 da *Divina Comédia* de Dante e 21 incunábulos – livros impressos nos primórdios da imprensa, até 1500. Também está um manuscrito medieval do século XIV do filósofo Jean Buridan e uma edição em guarani do *Martín Fierro* de José Hernández, ambos da coleção de Juan Domingos Perón; além do *Ulisses* de James Joyce anotado pela poeta Alejandra Pizarnik e vários manuscritos originais de autores como Leopoldo Lugones, Julio Cortázar, Alfonsina Storni etc.

Para muitos, porém, o xodó é a Coleção Jorge Luis Borges. Durante a mudança para o novo edifício, em 1992, foram descobertos ao acaso 50 livros com assinaturas e notas do autor, que dirigiu a instituição por 18 anos. Os bibliotecários Laura Rosato e Germán Álvarez isolaram fontes bibliográficas borgianas e iniciaram uma labiríntica busca arqueológica que levou oito anos de trabalho, chegando a 800 volumes pertencentes à sua biblioteca pessoal. São anotações de leituras à margem das páginas, folhas soltas com ideias, recadinhos de Estela Canto e até um final alternativo para o conto *Tema do traidor e do herói*, incluído em *Ficciones*. A coleção se encontra na Sala do Tesouro, mas o trabalho de transcrição filológica é esmiuçado no livro *Borges, libros y lecturas*, editado pelo selo da casa.



Um segundo volume está em fase de conclusão e incluirá outros achados em acervos públicos e particulares.

A dupla também está envolvida em outro projeto ambicioso, o Centro Internacional de Estudos e Documentação Jorge Luis Borges. Sediado no mítico edifício da Rua México, 564, que está sendo recuperado, o espaço terá sala de referência especializada e um acervo com base em duas bibliotecas: a pessoal do autor e a de Bioy Casares e Silvina Ocampo, doada este ano à BNMM. Também está em desenvolvimento uma enciclopédia digital dos trabalhos críticos sobre a vida e a obra do argentino, que deverá estar online ainda este ano. “A meta é que este centro seja um ponto de partida para a formação de uma comunidade de pesquisadores que dê luz, no século XXI, à tão esperada obra crítica de Jorge Luis Borges”, sustentam.

...

O prestígio da BNMM pode ser medido pelos diretores que estiveram historicamente à frente dela.

Começando por Paul Groussac, francês que desembarcava na capital portenha em 1865, sem falar uma palavra de espanhol e que rapidamente se tornaria um de seus intelectuais mais célebres. Nos 44 anos de sua gestão, deu forma à instituição como a conhecemos, transformou-a em um repositório nacional, triplicou seu acervo, criou publicações fundamentais e encabeçou a mudança da antiga sede na *Manzana de las luces* para o mítico endereço eternizado como o paraíso de seu sucessor.

Borges já era o cânone argentino quando a assume, em um interstício peronista entre 1955 e 1973. Como diretor, trabalhou sobre a base (e sobre a famosa esquivinha circular) de Paul Groussac, criou a Escola Nacional de Bibliotecários e iniciou o projeto de mudança à sede definitiva. Mas seu maior feito, como se sabe, não foi administrativo, e, sim, a escritura de uma das obras mais brilhantes do século XX. “O que fica do Borges bibliotecário é o que ele escreveu dentro da biblioteca”, concluiu o subdiretor da época, José Clemente. Para Laura Rosato e Germán Álvarez, o legado de Borges na BNMM foi tê-la unido indissociavelmente à sua história pessoal. “Borges tornou-a parte de sua mitologia e de sua obra. A Biblioteca Nacional da Argentina é, para o mundo, a Biblioteca de Borges”.

Há exatamente um ano, outro escritor chegaria para ocupar esta cadeira.

## Apesar de ser três vezes menor que a brasileira, a Biblioteca Nacional da Argentina recebe um público oito vezes maior

Desde julho de 2016, Alberto Manguel acorda às cinco da manhã, lê um cântico da *Divina Comédia* de Dante e caminha as 10 quadras que separam sua casa do trabalho. “Quando a biblioteca ficava em San Telmo, na minha adolescência, eu costumava ir buscar Borges e acompanhá-lo até sua casa para ler os textos que ele escolhia. Visitei o edifício atual alguma vez, mas só fui conhecê-lo verdadeiramente no ano passado”, admite.

Embora renomado no mundo todo, o autor de *Uma história da leitura* não goza de semelhante reputação entre boa parte da intelectualidade portenha. “Entendo que ele tem o prestígio dos bons divulgadores”, diz Martín Kohan, professor de literatura na Universidade de Buenos Aires e autor de *Segundos fora* (Companhia das Letras, 2012). Junto com Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia e o Nobel J.M. Coetzee, Kohan foi um dos que assinaram a carta em repúdio às demissões massivas na BNMM, em março do ano passado. Convocado pelo governo de Mauricio Macri para assumir a instituição, Manguel, que vivia no exterior há 40 anos, ainda não havia aportado em solo argentino, mas isso não o impediu de ser culpabilizado pela política que, de repente, também representava. “Ele se manteve literalmente distante destas graves medidas, mas já era o diretor designado, já era o responsável”, avalia Kohan, para quem o atual diretor pretende ser ingênuo, mas não é. “A neutralidade ideológica não é outra coisa que uma ideologia. É assim que o macrismo disfarça de

apolítica sua política conservadora, que disfarça de não ideológica sua ideologia reacionária”, observa.

Na última década, o cargo fora de Horácio González, sociólogo de esquerda que empreendeu uma forte política cultural de linha nacionalista, alinhada ideologicamente ao governo de Cristina Kirchner. Sua gestão contrasta com a de Manguel, um erudito que já deixou claro não ser uma “figurinha política”. Borges, que se definia um “modesto anarquista spenceriano”, tampouco era. “Creio no indivíduo, não no Estado”, dizia, evocando Macedonio Fernández.

Para González, “não é que Manguel cometa erros, apenas não entende as bibliotecas nacionais como um drama cultural e um serviço vivo para a comunidade. Sua indiferença à esfera pública e o apoliticismo oficial são a forma mais crítica e inteligente de um compromisso político oculto na ausência de discursos. Como intelectual da globalização, de tanto em tanto diz *slogans* vinculados aos direitos humanos, ignorando astutamente que todos eles são violados pelo governo de Macri”, sustenta. O ex-diretor também afirma que Manguel desconhece a realidade das bibliotecas do subcontinente, e reivindica o antigo logotipo da Biblioteca, substituído por outro, mais moderno, há poucos meses. “Era uma insígnia histórica compartilhada por outras bibliotecas nacionais, como a do Chile, Uruguai e Brasil, tinham mais de 70 anos e eram, de algum modo, um acordo comum simbólico entre bibliotecas, algo que nunca é fácil.”

Manguel sabe que entrou em um burocrático labirinto repleto de conotações políticas, mas parece disposto a enfrentar os obstáculos. Critica a “nada saudável atmosfera partidária” da gestão anterior, o modelo de transformá-la em um indiscriminado centro cultural, enfraquecendo as atribuições de uma biblioteca propriamente dita, e acredita que pouco foi feito pela atualização e digitalização do catálogo. “Não sabemos se temos um ou três milhões de obras. Sem saber o que temos, não podemos saber o que é, de fato, a Biblioteca Nacional Argentina”, disse reiteradas vezes. Desde que assumiu, esta tem sido sua prioridade, assim como atrair novos documentos valiosos à instituição – ainda que, diante do escasso orçamento, tenha de lançar mão de patrocínios e doações de empresas privadas. Não perde as esperanças de que um nobre filantropo desembolse meio milhão de dólares para comprar – e doar à Biblioteca – o manuscrito do conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, texto que ele considera o divisor de águas da literatura do século XX.

...

Nas extensas galerias subterrâneas da Biblioteca, há quem ouça ecoar os saltos de Eva Perón na madrugada. No terreno sobre o qual o edifício brutalista foi construído – e onde, durante as escavações, foi encontrado um fóssil de gliptodonte –, erguia-se o Palácio Unzué, antiga residência presidencial onde a então primeira-dama morreu em 1952. Não bastava um golpe de estado derrubar o peronismo em 1955: a propriedade também viria abaixo.

Mas, ali, Borges ainda é o mais presente dos fantasmas. Não que o escritor tenha jamais subido aquela rampa, que só ficaria pronta seis anos após sua morte. “À medida que a vida passa, torna-se cada vez mais intensa nossa amizade com os mortos”, confidencia Manguel. Pergunto como é conviver com esta luz que também é sombra. “O conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* termina com esta advertência: ‘O mundo será Tlön’. Eu prognostico: ‘O mundo será Borges’. Se já não é. Borges está em tudo, na noção de verdades alternativas, na *babelia* de informações inúteis que construímos, na miséria da política, ‘o exercício mais infame a que um homem pode se dedicar’, como disse ele certa vez”, enumera, lembrando que é também de Borges a noção de biblioteca universal.

Alguns projetos em curso parecem apontar nesta direção, visando convênios estaduais e internacionais e uma maior presença digital, como a criação da revista online *Marca de Agua*, o retorno em pdf da publicação *La biblioteca*, de Paul Groussac, a reformulação do próprio site e uma ambiciosa extensão do projeto Americana, de Robert Darnton – que pretende reunir digitalmente todos os catálogos dos países das Américas. “Não acredito em nacionalismos restritos, pequenos, caricaturais. Creio que temos o direito (talvez o dever) de sermos universais, como queria Borges”, finaliza Manguel.

## ENTREVISTA

## Joselia Aguiar

# Pelo desejo de ver a literatura no centro dos debates

Curadora da *Feira Literária Internacional de Paraty (Flip)* fala das ideias e desafios de montar a programação deste ano – marcado pelo desejo de redefinir o perfil do evento

DIVULGAÇÃO



Entrevista a Igor Gomes

**Que a programação** da *Flip 2017* está diferente em relação a dos anos anteriores, não é novidade. Bem-recebido pela crítica, o trabalho da curadora Joselia Aguiar primou pela paridade entre os gêneros, pelo aumento da presença da autoria negra, inseriu a poesia por toda a programação. Apesar de trazer com mais força a pluralidade do mercado editorial, ela afirma que “o programa não espelha o mercado, é uma nova proposta de representação, um recorte construído pela curadoria”.

Esse recorte não é, para Joselia, reflexo de uma postura ativista – mas, sim, da promoção de choques entre diferentes lugares de fala e obras para realização de um debate criativo.

Entretanto, ela reconhece que ainda há muito chão pela frente para poder conseguir acolher bem essa pluralidade. Nesta conversa com o **Pernambuco**, a curadora fala tanto dos desafios quanto de algumas ideias por trás das mudanças que implementou na programação.

Jornalista e doutoranda em História (USP), Joselia acompanha o mercado editorial há anos. Para ela, um ponto relevante e pouco notado da programação é o de que “a literatura volta a ocupar o centro das mesas”, em contraste com eventos que renunciam ao literário como forma de atrair público. Tratar o autor homenageado – Lima Barreto – como um escritor, e não como mero vetor para discussões de cunho mais sociológico, é algo que ela busca reforçar.

**A programação da *Flip* recebeu diversas críticas positivas e o claro reconhecimento de que está mais aberta à diversidade. Há sentimento de dever cumprido?**

Saber que há entusiasmo me deixa contente, sim. Às vezes, noto que, para alguns, diversidade e qualidade seriam retas paralelas que não se cruzam. É por isso que, nas entrevistas, tenho insistido em dizer que nesse horizonte ampliado há talentos igualmente grandes, apenas não estão facilmente ao alcance da vista. Foi o caso de Lima Barreto em sua época, não? Em universidades estrangeiras, a diversidade é vista como potencializadora da qualidade, o raciocínio é que as diferenças ampliam os choques criativos. Também noto que, para alguns, o programa com mais diversidade seria resultado de uma postura ativista da curadoria, quando o mais óbvio seria esperar que houvesse mesmo diversidade em todos os campos do país, e não o contrário. Existe paridade – 22 homens e 24 mulheres – e um percentual de 30% de autores negros que, de fato, não é grande. Sei que o programa não espelha o mercado, é uma nova proposta de representação, um recorte construído pela curadoria. No final das contas, a *Flip* contribuiu para colocar a literatura em pauta e também para trazer autores ainda pouco conhecidos para a frente da loja.

**A obra de Lima Barreto encarna questões úteis para pensarmos a literatura e o país. Como o esforço para discutir esse autor dialoga com outras nuances da programação, a exemplo dos diálogos da literatura com outras artes?**

Cada detalhe está pensado, e devo ter feito escolhas inconscientes que me levaram aonde queria chegar, diria até que os imprevistos também ajudaram a deixar o programa como ficou. Primeiro, foi muito importante desde o começo definir que Lima Barreto seria visto como escritor, não apenas um vetor para tratar da questão racial. A questão racial apareceria no programa, de modo algum seria escamoteada, até porque ele a colocou em primeiro plano. Mas tanto

“ Se um evento tem força para pautar a literatura, ele deve ser cuidado. No Brasil, isso é mais importante porque forma leitores

Lima Barreto quanto todos os autores e autoras negros convidados seriam vistos em sua individualidade de artistas, cada um com sua trajetória, visão, linguagem, muitas vezes com influências e perspectivas diferentes, em certos casos há mesmo os que não desejam tratar particularmente da questão racial. Ou seja, não podemos aprisionar autores dentro de um papel ou expectativa; devem estar livres para fazer a obra que querem realizar. A literatura volta, portanto, a ocupar o centro das mesas, com autores que exercem o ofício em todas as formas praticadas por ele. No programa, estão muitas das questões literárias e sociais que atravessam a obra de Lima Barreto. Rastro que segui na direção dos subúrbios, não apenas o registrado por seu olhar, como no entorno do mundo, e foi assim que encontrei línguas, mitos e culturas no Piauí, na Jamaica, em Ruanda e na Islândia. Trazer a literatura de volta, quando tantos eventos parecem renunciar a ela para ter mais audiência, é um ponto que não foi muito notado no programa deste ano e que me parece igualmente forte.

**Você também se refere às edições anteriores da *Flip*? O que pensa dessa aparente renúncia à literatura por parte dos eventos?**

Vou começar contando um episódio que vivi quando fui editora de uma revista mensal de livros que circulou até 2008, a *EntreLivros*. O sucesso de um projeto editorial não necessariamente se deve ao

assunto tratado; há fatores como distribuição, marketing, atendimento a assinante, gestão administrativa e financeira, parcerias, preço de capa compatível etc. A certa altura, a direção entendeu que, para alcançar mais leitores, não devíamos ter literatura como eixo principal, deveríamos contemplar outros campos. Foi quando começamos a perder leitores. Desde o fim da *EntreLivros*, tenho assistido a muitos casos, de publicações e mesmo eventos que, a certa altura, investem em atualidades. E conseguem, sem dúvida, gerar mais noticiário “quente” para a cobertura jornalística. Se reparar, há uma quantidade de suplementos que deixaram de existir, e não apenas no Brasil, em todo o mundo. Esse raciocínio, o de que para aumentar audiência não se pode ter apenas literatura, é permanente, é triste e nem sempre é tão claro e consciente. Então, se uma festa tem força para pautar a literatura, isso é importante e precisa ser cuidado. No caso específico do Brasil, é algo de ainda maior necessidade, porque ainda é preciso formar leitores.

**Com uma programação diversa e paritária, qual a expectativa da *Flip* em relação ao perfil do público?**

A minha expectativa é de que haverá mais gente ligada à literatura, não apenas estudante ou profissional da área. Digo, leitores mesmo, desses que nunca deixam de comprar livros mesmo quando a situação econômica não é favorável. Também gostaria muito de

ver mais diversidade nesse público, embora isso não esteja exatamente ao alcance da *Flip*. Depende de muitos outros fatores e de mais tempo.

**Agora, gostaria de discutir algumas nuances mais localizadas da programação. Durante a coletiva de imprensa (30 de maio), houve uma cobrança da repórter do site *Blogueiras Negras* a respeito da presença de pessoas negras na coletiva e na programação. Para você, como soa essa crítica?**

Não vi como uma crítica pessoal, vi como uma ponderação importante da parte de uma ativista, é esse seu papel. Ampliamos o número de veículos que receberam o aviso da coletiva, então o site *Blogueiras Negras* foi avisado e era super bem-vindo lá, assim como o será também na *Flip*. Sabia que tínhamos alcançado uma mudança sensível, e ao mesmo tempo há muito chão pela frente. Por exemplo: seria excelente ter sites ligados à intelectualidade negra fazendo a cobertura da *Flip*, e isso não depende da *Flip*. Também seria excelente que os autores e autoras negras tivessem cobertura especializada e leitura atenta, que seu número de leitores também aumentasse. Precisamos de mais críticos voltados para essas obras, e mesmo de mais críticos negros. Como disse, há muito chão pela frente. Vou dizer algo que para alguns parecerá óbvio, mas que para outros leitores não é: esse movimento todo é para ampliar a convivência, e não a distância.

“ A expectativa é que aumente o número de leitores presentes na Feira. Também gostaria de ver mais diversidade nesse público

**Como vê, no evento, o impacto da presença mais tímida de editoras maiores?**

A presença das (editoras) independentes vem crescendo ano a ano. O que aconteceu desta vez é que, além do fato de estarem ainda mais atuantes, também houve procura da curadoria por autores e autoras que se localizavam fora do centro, em geral mais publicados por elas. Mesmo os estrangeiros que ainda não tinham sido traduzidos no Brasil. O que ocorreu foi o seguinte: confirmada a presença do autor ou autora, seus editores do exterior procuraram quem pudesse publicá-los no Brasil. Uma editora de maior porte não tem às vezes como parar tudo para traduzir e mandar para a gráfica um livro que apareça de repente, tem planejamento de dois, três anos. Mais uma vez, as independentes, de menor porte, conseguiram absorver esses nomes ainda pouco trabalhados no Brasil.

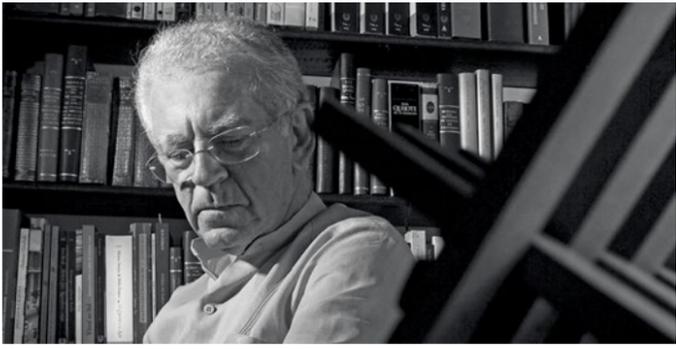
**Existe um debate constante sobre a existência de muitos ou poucos leitores de poesia no país, que dialoga com a controversa expressão “poesia não vende”. E você espalhou poetas por toda a programação, em diferentes propostas.**

Isso de que poesia não vende vem sendo dito pelo menos desde os anos 1930, quando, de fato, começou a indústria do livro no Brasil. Ocorre que temos um grande problema estrutural, além do próprio racismo, e aliás o primeiro muito relacionado ao segundo, que é o da formação de leitores. A curadoria de uma

festa literária com a identidade da *Flip* não deve necessariamente se basear no que vende ou não, creio que pelo contrário. Uma festa de excelência pode iluminar campos e autores que não têm resultado comercial imediato. Este ano, há poesia e poetas distribuídos por todo o programa, e não isolados numa mesa só. Há poetas que falam de poesia, que apresentam sua própria poesia e traduções de poesia; poetas em debates sobre escrita poética, cânone, sobre poesia e ativismo, letras de música e literatura infantil. São mesas em que se fala de poesia a partir de experiências as mais diversas.

**Você escreveu uma biografia de Jorge Amado, que deve sair ainda neste ano. Pode adiantar algo dela?**

Jorge Amado foi e ainda é um projeto transoceânico, não apenas porque ele teve uma vida com tantas reviravoltas e construiu uma obra que ainda viaja tanto pelo mundo. Precisei, em meio à pesquisa e escrita, estudar história literária, história política, particularmente a história do Partido Comunista; conhecer autores latino-americanos, lusófonos e africanos. Também descobri muito sobre a Bahia, veja só. Posso dizer que a ordem cronológica foi necessária para esta biografia, porque só assim o leitor poderia compreender as mudanças e também constâncias em sua trajetória e pensamento. Entendi também que o tempo inteiro trabalharia na perspectiva vida-obra, não seria apenas um livro sobre a vida de Jorge Amado, e, sim, sobre sua vida como escritor.



## Everardo NORÕES

esnoroos@uol.com.br

# Rara, estranha dissecação da burguesia

Sobre Hugo Claus, autor de  
uma ficção crítica que se  
confunde com ele mesmo

**Ouvi Caetano Veloso** e pensei no romance *O desgosto da Bélgica*, de 1983, do flamengo Hugo Claus (1929-2008). É que livro tem coisa de gente. Um artista pode ter um bom desempenho. Mas isso não basta, se não houver a força que o faz diferente e nos arrebatava, feito ímã. É a “força estranha” cantada por Caetano. Poema, conto ou romance precisam desse estranhamento. Raro é o livro do qual nos apropriamos como coisa íntima ou que nos provoca a partilhar sua leitura com os outros. Nenhum crítico é capaz de explicar o fenômeno. Nem Goethe conseguiu.

O livro *O desgosto da Bélgica* foi publicado em 1983 (editado em português 14 anos depois, em 1997, pelas Edições ASA, de Portugal). Logo recebeu vários prêmios, foi traduzido em diversas línguas, fez de seu autor um dos indicados ao Nobel.

O tempo do romance é o dos anos que atravessam a II Guerra. O cenário é Walle, uma pequena cidade belga, fictícia, com suas torrezinhas, sua fileira de casas operárias, umas poucas vilas com jardim e, de vez em quando, uma estátua de anão. Como diz o livro: o destino da Europa está em outro lugar... A Bélgica, na ocasião, é caminho de passagem dos exércitos de Hitler, tem um rei que é proprietário de um país – o Congo Belga –, e a população é dividida entre os que falam francês e flamengo. A Igreja tudo benze e tem a palavra final até mesmo no recrutamento dos empregados do Banco.

O menino Louis Seynaeve é o principal personagem e narrador, que conta a epopeia de sua infância e de sua passagem à adolescência num sinistro internato católico com hábitos da Idade Média. Ele e quatro colegas brincam de fazer parte de um grupo iniciático e secreto, “Os apóstolos”, por se darem nomes dos seguidores de Cristo durante as reuniões. A “seita” reproduz, nas peripécias juvenis, as formas de alienação religiosas e políticas com as quais se defrontam na vida familiar ou no contato com os religiosos do ambiente de estudo. Os outros meninos, os não “apóstolos”, os que não fazem parte do círculo, são chamados por eles de “hotentotes”. Essa expressão, de conotação racista, foi a denominação dada pelos holandeses a um povo nômade da África, considerado “primitivo”.

Tudo o que acontece no romance é observado pela lente do menino, *alter ego* do escritor. Numa linguagem feroz, sarcástica e, ao mesmo tempo, plena de humor, o livro dissecava a vida de uma pequena burguesia conservadora e hipócrita. Destripa as relações dos habitantes com os invasores alemães, os mecanismos do mercado negro, o antissemitismo. Em uma das passagens, o anticomunismo reinante é percebido através da conversa com uma freira, a irmã Cris, que presenteia o personagem com chocolates enquanto comenta a situação crítica provocada pelo fim da Guerra da Espanha. Os comunistas haviam sido derrotados pelo Cristo Rei e os que haviam conseguido fugir, segundo ela, acabariam por buscar refúgio no Norte e contaminar a população do país.

## O desgosto da Bélgica possui elementos do mesmo realismo mágico presente nos quadros de Brueghel ou Bosch

*O desgosto da Bélgica* chegou a ser comparado pela crítica ao romance *O tambor*, do alemão Günter Grass, cujo personagem é um anão que, mesmo antes de nascer, é dotado de uma inteligência extraordinária. Ele testemunha a ascensão do nazismo e se recusa a crescer para não participar do mundo dos adultos. No romance de Hugo Claus, o menino Louis Seynaeve também apela para memórias ‘fictícias’ e se comporta como anti-herói. Mas, ao contrário do anão de *O tambor*, o personagem de *O desgosto da Bélgica* participa do mundo dos adultos e o questiona em tom de farsa, com uma rara exuberância de linguagem.

O livro de Hugo Claus tem elementos do realismo mágico típico dos Países Baixos, o mesmo que está tão presente num livro como *As aventuras de Till Eulenspiegel* ou na pintura de um Brueghel ou de um Hieronymus Bosch.

A própria biografia de Hugo Claus segue essa tradição: fugiu de casa aos 15 anos, trabalhou como pintor de parede e operário de usina. Aos 20, já era considerado o menino prodígio das letras flamengas.

Numa entrevista, ele explicou o título do livro que o tornou célebre: era sua avô quem dizia que ele era o “desgosto da Bélgica”. Rebelde e iconoclasta, cedo conheceu Antonin Artaud, a quem chamaria de “um pálido capitão” dos marginalizados, num poema escrito após a morte do escritor e poeta francês. Sedutor e dado a aventuras, Hugo Claus foi autor de romances, poemas, pinturas, filmes e peças de teatro. Entre os seus amores, Silvia Kristel, a *Emanuelle* do cinema, a quem acompanhou nas filmagens pela Tailândia.

Nas duas traduções a seguir, uma amostra da poesia do autor de *O desgosto da Bélgica*. No poema intitulado *Terre sans pain: Las Hurdes* ele rende homenagem a um documentário de Luis Buñuel, filmado em 1932, mergulho da câmera no mundo de uma bizarra e miserável aldeia da Espanha.

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

### CONTOS

#### Lançado pela Cepe Editora, livro recente de Marcelo Peixoto é marcado por bons experimentalismos

O recifense Marcelo Peixoto (foto) é documentarista, poeta e contista. Tem na bagagem os livros *Pastor da solidão* (poesia) e *Ai quem me dera beijar os lábios de Dorothy Lamour* (contos). Agora lança o livro (também de contos) *Cemitério Canários* (Cepe Editora). São 26 textos de uma prosa rápida e enxuta, algumas vezes permeada de poesia, humor, delírio e um experimentalismo contido. Elogiado por nomes

como Marcos Vinícios Vilaça, Raimundo Carrero, Jomard Muniz de Britto e Jaci Bezerra, Marcelo tem no “conto não apenas uma história, mas também uma experiência de linguagem”, como diz e reafirma Carrero: “Sujeito, verbo e predicado, ele os altera para que haja uma sensação nova, uma vontade nova, uma visão nova do leitor”. Enfim, um livro estimulante.

DIVULGAÇÃO



A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
  2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
    - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
    - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
  3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.
- VII** É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

**Companhia Editora de Pernambuco**  
Presidência (originais para análise)  
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
CEP 50100-140  
Recife – Pernambuco

**Cepe**  
COMPANHIA EDITORA DE  
PERNAMBUCO

SECRETARIA  
DA CASA CIVIL



GOVERNO DO ESTADO  
**Pernambuco**  
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

DIVULGAÇÃO



### LAS HURDES

Não conhecemos nem carne nem pão  
Dormimos sobre folhas que se transformam em adubo  
para nosso país de pedra

Nossas casas não têm janelas  
e nossa aldeia tem catorze anões e trinta idiotas

Chove e nossas barragens não são colmatadas  
Não chove  
Rezamos e nossa terra permanece árida  
como nossa pele  
como nossa garganta que incha e se racha

Quem é nosso pai é nosso amante  
e nossas mães morrem cedo

A vergonha é nossa quinhão  
A infâmia nosso alimento  
A erva daninha está plantada em nossos rostos

Olhamos na vossa câmera  
Nós somos tangíveis  
e semelhantes a vós que dizeis:  
*Isso são Las Hurdes*

### TE ANOTO

Minha mulher, meu altar pagão,  
a quem toco e acaricio com dedos de luz,  
meu jovem bosque em que passo o inverno,  
meu sinal impudico e terno,  
escrevo teu hálito e teu corpo  
sobre o partitura.

E ao teu ouvido prometo novíssimos horóscopos  
e te preparo a outras voltas ao mundo,  
e uma escala em alguma Áustria.

Mas perto dos deuses e das constelações  
a felicidade eterna também se exaure,  
e não tenho cama, nem casa,  
nem mesmo flores para tua festa.

Te anoto sobre a partitura,  
enquanto cresces e floresces como um jardim.

Quando sua memória começou a falhar, atingida pelo mal de Alzheimer, Hugo Claus tomou o trem da Eutanásia e partiu do país de seu desgosto no dia 19 de março de 2008.

### CRÔNICAS

#### Caesar Sobreira narra sua viagem à Índia em novo livro

Em *Crônicas das Índias Orientais* (Helvetia), Caesar Sobreira assina 20 textos, um para cada dia, narrando e comentando uma viagem que fez à Índia. Numa linguagem coloquial, fala de um país contraditório, dividido entre tradição e modernidade, arcaísmos e rupturas. Viajamos com o autor por ruas onde os meios de transporte podem ser um riquixá ou um elefante, e visitamos obras como o Taj Mahal.

### CRÍTICA LITERÁRIA

#### Projeto Café Colombo reúne em livro as melhores entrevistas e os principais ensaios de sua revista

O Café Colombo surgiu como um programa de rádio dedicado à literatura, feito por um grupo de jovens apaixonados pelo assunto. Depois, passou a publicar uma revista. Agora edita seu segundo livro: *Sobre livros e ideias: uma seleção de ensaios e entrevistas do Café Colombo*, organizado por Eduardo Cesar Maia. Os ensaios traçam um arco amplo que vai da filosofia como literatura às questões do

politicamente correto, da postura de direita de Olavo de Carvalho à história do alfinete “esta espécie de prego da alfaiataria”. As entrevistas interrogam o ensaísta Francisco José Martín, os poetas Ângelo Monteiro e Weydson Barros Leal, o premiado Samarone Lima, o crítico de literatura Cristiano Ramos, que estreou como poeta, o já consagrado romancista Paulo Scott, entre outros.

## CAPA



FABIO SEIXO

# Aqueles que seguraram a própria história nas mãos

O Rio de Janeiro visto da Cidade de Deus, 20 anos após o livro de Paulo Lins

Leonardo Nascimento

*Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer  
Com tanta violência eu sinto medo de viver  
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado  
A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado  
Eu faço uma oração para uma santa protetora  
Mas sou interrompido a tiros de metralhadora  
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela  
O pobre é humilhado, esculachado na favela  
Já não aguento mais essa onda de violência  
Só peço à autoridade um pouco mais de competência  
(Rap da Felicidade, Cidinho e Doca)*

**No Rio de Janeiro**, a década de 1990 foi marcada por uma série de massacres policiais, tendo como vítimas, principalmente, jovens pretos e pobres. O primeiro desses massacres foi a Chacina de Acari (1990), seguida pelas Chacinas da Candelária e de Vigário Geral (ambas de 1993). Ao mesmo tempo, veículos de comunicação passaram a associar a juventude das favelas ao tráfico de drogas e à violência urbana.

Naquela década, ampliou-se também o Estado penal, por meio do encarceramento em massa de uma população preta e pobre. Tal política, assumida publicamente como de enfrentamento ao crime organizado, necessitava de construções simbólicas sólidas para legitimar seus números inaceitáveis sob o ponto de vista do Estado de direito. Todo esse imaginário de violência operava na construção de inimigos que precisariam ser urgentemente combatidos.

Como um meio de produzir respostas a esses discursos criminalizantes, a cena cultural das favelas e periferias cariocas experimentou uma imensa produção de novas narrativas. Foi nesse período que o funk, mesmo com a imensa perseguição da opinião pública e da imprensa comercial, afirmou-se como a grande expressão de um discurso sobre a cidade, construído a partir da favela.

Em 1995, uma dupla de MCs ganhou o país com o seu *Rap da felicidade*, ressignificando o lugar ocupado pela Cidade de Deus no mapa simbólico do Rio de Janeiro. Cidinho e Doca cantavam os versos

Jonathan Híbrido, Anahyde Muniz, Anna Beatriz Candido, Ana Leticia Candido, Cícero Landes, Wellington França, Vivi Salles e Rosalina Brito: eis os poetas que organizam o sarau *Poesia de Esquina*

## Longe do exotismo e do sadismo, Paulo Lins inscreveu de forma bem-sucedida o território dentro da obra e a obra dentro do território

livro de Paulo Lins e toda repercussão gerada a partir dele como pontos de partida, interessa aqui pensarmos o Rio de Janeiro visto a partir da *Cidade de Deus*, 20 anos depois, com novos atores e outras narrativas em cena.

Antonio Candido enfatizou em seus trabalhos a importância da abordagem dos fatos históricos, das condições sociais e dos elementos políticos na construção e na análise do texto literário. Seus estudos procuraram focalizar vários níveis de correlação entre literatura e sociedade, evitando o ponto de vista que ele considerava mais usual: o paralelístico. Para Antonio Candido, seria necessário mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, suas ocorrências nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração. Diversos críticos literários se dedicaram a pensar o livro de Paulo Lins sob essa ótica. O texto mais conhecido de todos é, certamente, o de Roberto Schwarz – um dos maiores entusiastas da obra –, publicado em seu livro *Sequências brasileiras*.

*Cidade de Deus* realizou uma operação de mão dupla: inscreveu o território dentro da obra ao mesmo tempo em que a obra foi inscrita dentro do território. Em 2002, como é amplamente sabido, o romance foi transformado em um filme homônimo, dirigido por Fernando Meirelles e Katia Lund. O longa-metragem rapidamente se transformou em um dos maiores fenômenos do cinema nacional. O filme experimentou também enorme sucesso em sua carreira internacional, com indicações ao Oscar em quatro categorias: melhor diretor, melhor roteiro adaptado, melhor fotografia e melhor edição.

Desde então, tornou-se praticamente impossível pensar a *Cidade de Deus* sem a sombra de cada uma das histórias narradas por Paulo Lins, sejam elas intermediadas pelo livro ou pelas impactantes cenas do filme. Mas a recíproca, infelizmente, também é verdadeira (ou ao menos deveria ser): é impossível pensar nas memórias evocadas pelo escritor ignorando que a *Cidade de Deus* segue como um território alvo da violação dos direitos mais básicos.

### NEOFAVELA

“Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui ele cambaleia baleado. Dito por bocas sem dentes e olhares cariados, nos conchavos de becos, nas decisões de morte. A areia move-se nos fundos dos mares. A ausência de sol escurece mesmo as matas. O líquido-morango do sorvete mela as mãos. A palavra nasce no pensamento, desprende-se dos lábios adquirindo alma nos ouvidos, e às vezes essa magia sonora não salta à boca porque é engolida a seco. Massacrada no estômago com arroz e feijão a quase palavra é defecada ao invés de falada. Falha a fala. Fala a bala.” (*Cidade de Deus*, 1ª edição, p. 23)

Se ao tentarmos construir uma arqueologia, no sentido de Michel Foucault, estamos sempre diante do desafio de unir traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, oriundas de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas, a escolha de Paulo Lins em montar os vestígios de seu arquivo através do processo de escrita de um romance foi extrema-

mente bem-sucedida. Longe do exotismo ou do sadismo de muitos trabalhos de tema semelhante, a forma como ele articulou as diferentes versões das histórias que circulavam no território – muitas delas conflitantes entre si – impressiona pela imensa sensação de veracidade que ainda é capaz de transmitir.

O grande mérito do texto de Paulo Lins é justamente seu caráter lacunar, fragmentado e assimétrico. O cotidiano posto em discurso proporciona uma experiência de leitura por vezes aflitiva, oriunda de uma constante tensão entre a autonomia literária da obra de ficção e a ultrapassagem de todos esses limites. O resultado, certamente, é fruto não apenas de uma imensa familiaridade do autor com o território abordado, mas por um complexo trabalho de escrita que opera dentro da própria linguagem. Nesse sentido, mesmo que o pacto literário entre autor e leitor seja outro, a leitura do romance soa como a de um ótimo trabalho etnográfico.

Para indicar uma mudança radical nas formas de se viver o território, Paulo Lins fala em uma “neofavela”, por oposição à favela em acepção antiga, aquela das rodas de samba e da malandragem – agora fortemente influenciada pela guerra entre traficantes de droga e pela violência e corrupção da polícia. A partir da década de 1980, houve uma mudança significativa na conjuntura da cidade. A inserção da cocaína no varejo de drogas ilícitas impactou significativamente o modelo de vendas, aumentando rendimentos e provocando um crescente armamento entre os envolvidos nesse comércio.

A violência gerada pelos constantes enfrentamentos entre grupos armados e pelas operações policiais vem causando, ao longo das décadas, efeitos muito perversos na vida dos moradores. A escolha feita pelo Estado, em relação a um suposto combate ao “crime organizado” nas favelas, tem provocado o acirramento da batalha armada que criminaliza e despreza uma população de quase 25% do município do Rio de Janeiro, sem nenhum resultado efetivo. Afinal, como bem definiu MV Bill, “na favela não existem árvores que dão fuzil nem plantação de coca. A força do tráfico está fora dos morros”.

Quem acompanha a trajetória do rapper, ator, escritor e ativista MV Bill sabe que, assim como muitos funkeiros, ele também já foi acusado de fazer apologia ao crime por tratar desse universo em suas produções. Nascido e criado na *Cidade de Deus*, Bill, cujo MV significa “Mensageiro da Verdade”, marcou seu nome na música carioca ao cantar a história de um soldado do tráfico.

No videoclipe de *Soldado do morro*, música do álbum *Traficando informação*, MV Bill aparece cantando em primeira pessoa, torso nu, cordão de ouro no pescoço e uma arma pendurada no ombro. A produção traz profundos diálogos tanto com alguns “proibidos”, como também com algumas canções do “consciente”, ambos subgêneros do funk carioca. A escolha de discorrer sobre a violência e o mundo do crime a partir do ponto de vista dos sujeitos que se tornaram “bandidos”, mas cujas trajetórias de vida não se limitam a essa identidade, costuma encontrar recepções muito negativas na opinião pública.

No geral, essas canções ressaltam a “vida no crime” como uma “escolha ruim”, assombrada pela morte premente. Mas o incômodo costuma se dar justamente por elas não retratarem esses sujeitos de maneira essencialista, preferindo, ao contrário, a abordagem de contextos que possam dar alguma coerência e inteligibilidade às suas escolhas. Abrindo mão de julgamentos condenatórios, essas narrativas funcionam como testemunhos performatizados, dando visibilidade e consistência a indivíduos profundamente marcados pelos estigmas que carregam.

“É muito fácil vir aqui me criticar / A sociedade me criou, agora manda me matar / Me condenar e morrer na prisão / Virar notícia de televisão / Seria diferente se eu fosse mauricinho / Criado a sustagem e leite ninho / Colégio particular, depois faculdade / Não, não é essa minha realidade / Sou caboquinho comum com sangue no olho / Com ódio na veia, soldado do morro.” (MV Bill, *Soldado do morro*)

que se tornariam uma espécie de cartão-postal do movimento funk: “Eu só quero é ser feliz / Andar tranquilamente na favela onde eu nasci / É! / E poder me orgulhar / E ter a consciência que o pobre tem seu lugar”.

Dois anos depois da explosão do *Rap da felicidade*, um escritor da mesma favela lançava seu primeiro romance, *Cidade de Deus*, um painel das transformações sociais pelas quais passou a região desde a década de 1960. Saudado pela crítica como uma das maiores obras da literatura brasileira contemporânea, o romance de Paulo Lins foi baseado em ‘histórias reais’. Grande parte do material utilizado para escrevê-lo foi coletado durante os oito anos – entre 1986 e 1993 – em que o autor trabalhou como assistente de Alba Zaluar em uma longa pesquisa antropológica sobre a criminalidade no Rio de Janeiro. Paulo era estudante do curso de Letras e se dedicava à poesia. Mas ele vinha do samba, é autor de alguns sambas-enredo para blocos de Carnaval. Em entrevista de Heloísa Buarque de Hollanda, ele conta que foi através do samba que acabou conhecendo a “bandagem toda”, o que ajudou bastante nas pesquisas.

Cidinho, Doca e Paulo Lins, três “crias da CDD”, tematizaram em suas obras as alegrias e tristezas que caminham lado a lado nas favelas cariocas. Para isso, Paulo Lins aliou uma apurada pesquisa de campo às suas próprias vivências no território. Escrever sobre a celebração de duas décadas da estreia de seu romance poderia implicar em seguir um roteiro de praxe: entrevista com o autor, dados biográficos, perguntas sobre o impacto do livro em sua carreira e, por fim, as costumeiras aspas de um punhado de grandes nomes tecendo generosos elogios ao texto.

No entanto, diante da importância da obra e de tudo que já foi dito e repetido sobre ela, seria pouco produtivo seguir por esse caminho. Tomando o

# CAPA

FABIO SEIXO



Os poetas Wellington França e Anahyde Muniz. Em 2010, ele lançou o livro *Temporais*. Anahyde também é artista plástica e cantora, foi uma das primeiras a puxar samba-enredo nas escolas de samba do Rio de Janeiro

À época do lançamento do filme *Cidade de Deus*, MV Bill assumiu-se como uma voz dissonante da recepção até então festiva e elogiosa da produção, já que, segundo ele, o longa tendia a disseminar o medo e a estigmatizar ainda mais os moradores, com a generalização da imagem de que a favela era a grande culpada pela violência da cidade.

Embora impecável em sua realização técnica, um ponto crucial no roteiro do longa-metragem diferencia radicalmente a experiência de fruição dele e do livro (e também do trabalho de MV Bill): a presença de um narrador que, a partir de um ponto de vista único, apresenta uma síntese homogênea e totalizante do território. Assim, a lógica da parte é transformada em uma lógica do todo.

Se o ponto alto do livro é justamente seu caráter anárquico, o que vemos no filme é uma síntese pobre e maniqueísta, uma representação em que a favela aparece em cena de forma isolada do resto da cidade, uma região autônoma resumida às relações de poder que se dão dentro do próprio território.

O narrador que surge na tela é Buscapé, jovem que cresceu no mesmo ambiente violento que os demais “degenerados” que vemos em cena. No entanto, apesar de habitar o mesmo inferno que os outros personagens, é uma figura estranha ao lugar, mantendo-se como observador distanciado. Mesmo apesar de todas as dificuldades e de sentir que a vida está contra ele, Buscapé descobre que pode se tornar fotógrafo profissional, redimindo seu futuro através de um trabalho “digno”. O jovem é o arquétipo clichê do sobrevivente que vence pelo esforço próprio, ao contrário de todos aqueles que vemos ali, “sujeitos-homens” que fumam, cheiram, matam e roubam.

Essa abordagem seria apenas uma entre tantas escolhas narrativas possíveis, não fosse o cenário em que ela se desenrola. Uma das principais estratégias dos agentes do Estado – e também da imprensa hegemônica –, para desqualificar denúncias de morte e outras violências ocorridas nas favelas e periferias, é a alegação de que as vítimas atingidas pela violência estatal não tinham nem mesmo um emprego fixo (ainda que tivessem). Essa perversa ideia se sustenta no senso comum a partir da crença de que as balas que saem das armas do Estado só acertam aqueles que poderiam ser acertados: os vagabundos, os vadios, os marginais.

#### FAZEDORES DE DESTINO

Na atual cena cultural da Cidade de Deus, um nome vem conquistando espaço e respeito através da literatura e do ativismo. Trata-se de Vivi Salles, 26 anos, criadora do Poesia de Esquina, importante dispositivo na disputa pelo direito de significar. Vivi explica que o projeto, organizado com os demais artistas que aparecem nas imagens desta reportagem, começou a partir de uma percepção da Cidade de Deus como um território de muita potência estética, principalmente na literatura.

Ao longo dos últimos cinco anos, o sarau mensal do Poesia de Esquina cresceu e o evento se tornou conhecido na Cidade de Deus – embora esteja atravessando um momento bastante delicado. Comprometida com a democratização da literatura, Vivi define como um desafio conseguir dialogar cada vez mais com a comunidade local, tornando a literatura mais popular na região. Por isso, no sarau organizado por ela, o microfone é aberto, para que todo mundo se sinta convidado a dar uma contribuição poética ao evento. A última aquisição do Poesia de Esquina foi a compra de uma Kombi, para expandir fronteiras e fazer a literatura da Cidade de Deus circular não só dentro da própria favela.

Outro desafio apontando por Vivi é fazer com que as mulheres ocupem cada vez mais espaço no território. Vale destacar aqui o nome de duas artistas da Cidade de Deus que subverteram padrões e colocaram as mulheres em posição de destaque na cena cultural das favelas: as funkeiras Deize Tigrona e Tati Quebra-Barraco.

O momento delicado atravessado pelo Poesia de Esquina tem duas razões principais: a primeira é a falta de financiamento; a segunda, mais grave, diz respeito à violência diária. Em entrevista para esta matéria, Vivi diz entender a necessidade e a importância de se falar sobre as manifestações artísticas em curso na Cidade de Deus, mas con-

fessa que tem sido uma missão quase impossível conseguir se desligar do tema da violência.

– Eu acho que é preciso, antes de falar só da cultura e das coisas legais, que se fale também da tragédia. Não tem como não falar da violência em curso antes de falar do grupo Os Arteiros, uma companhia de teatro importante daqui. Eu não tenho mais como falar antes do jornal comunitário *CDD – A notícia por quem vive*, que tem anos de trabalho sério e uma importância muito grande no território. Eu não tenho como falar do próprio Poesia de Esquina sem falar antes da violência. Até porque a gente está marcada por ela também, no sentido de olhar pra nossa vida recente e só ter feito um único evento esse ano. O meu papel, como jovem intelectual da cultura, tem sido trazer o tiro, a violência, pra que ela seja denunciada. Uma porrada de evento cultural está deixando de acontecer e as pessoas têm medo de se posicionar, porque têm medo da polícia e têm medo do tráfico. As pessoas estão aterrorizadas. Acontece que o traficante é morador, né? E historicamente você tem um mandamento de que é preciso respeitar o morador. Já o policial olha para a favela como o lugar em que ele trabalha. Então, embora nem todos, muitos deles não estão nem aí para o tratamento dado. O cara que é morador da favela é menos cidadão na opinião deles.

Dos últimos 20 anos, Vivi afirma que esse é o pior momento que ela já experimentou na Cidade de Deus. Ela cita como exemplo o caso ocorrido na Escola Municipal Leila Barcellos de Carvalho, no dia 25 de maio deste ano, em que a polícia estacionou um blindado na porta do colégio, que acabou virando alvo de tiros. Em pânico, as crianças precisaram ficar deitadas no chão, na tentativa de se protegerem do confronto que durou cerca de duas horas. O secretário municipal de Educação precisou interceder para que a PM cessasse o confronto e os alunos fossem retirados em segurança do local.

“Como a gente faz? Qual caminho eu escolho? Como eu faço para que a violência não seja recebida como espetáculo?”

Em sua análise, Vivi argumenta que, se os moradores da Cidade de Deus e de outras favelas acreditarem que é normal viver desta forma, as coisas tendem a piorar. Um dos caminhos de mudança apontados por ela é que a favela comece a debater urgentemente a legalização da venda de drogas e passe a disputar a política na cidade.

– O problema maior aqui não é a venda de drogas, o problema não é a polícia entrar na favela pra cumprir um mandado judicial, o problema é que não existe respeito. Toda guerra tem regras, menos na favela. O conflito acontece de uma forma que coloca a vida das pessoas em constante risco. A munição vem de onde, mano? Sacou? Então tem gente ganhando muito dinheiro por trás disso tudo, rindo da nossa dor. E aí tem uma galera falando “pô, Vivi, você não tem medo de falar isso tudo?” Medo a gente tem, medo a gente tem até de ir na padaria. Eu fui na padaria outro dia e trouxe 11 balas que eu achei pelo caminho. Postei no *Facebook* um poema com a foto do meu café da manhã: dois pães, onze balas. Foi um dos posts mais compartilhados até hoje. No dia seguinte, postei um evento que a gente estava organizando e quase ninguém compartilhou. Ou seja, a violência é sempre a notícia. Como a gente faz? Qual caminho eu escolho? Como eu faço para que a notícia da violência não seja recebida como um espetáculo? Eu não estou fazendo isso pra render espetáculo. Pelo contrário, eu queria não estar fazendo isso.

O jornal *CDD – a notícia por quem vive*, citado por Vivi Salles em sua fala, tem uma linha editorial que vai na contramão da violência no território. De distribuição gratuita e trimestral, a última edição comemora o aniversário de seis anos da publicação e seu “compromisso com a visibilidade positiva da Cidade de Deus”. O editorial, escrito por Valéria Barbosa, profissional de educação e cultura e uma das colaboradoras do jornal, começa com o anúncio de que a edição está “plena de emoções”.

Incluída na seção “CDD homenagem”, a matéria de capa do jornal tem como título *Uma estrela chamada Cilene Regina*, lembrando a assistente social, poeta e fundadora do jornal. Falecida no ano passado, Cilene ocupa também a última página da edição, “CDD declama”, com o poema *E. QUI. DA. DE (Respeito à igualdade de direitos)*. Emocionada, Valéria Barbosa lembra do infarto que a amiga sofreu em meio a um dos constantes tiroteios.

– Quantas pessoas que moram em favelas estão infartando? Ela morreu vítima da violência. Ela não precisou de um projétil, o projétil que a matou foi um projétil que vai na alma.

Na seção “CDD lê”, o jornal traz um texto sobre a *Festa Literária das Periferias* (Flupp), a partir do olhar de quatro mulheres. A artista plástica Rosalina Brito foi uma das mulheres que deu seu depoimento. “Eu comecei a rabiscar desenhos, poemas e contos e não sabia o que fazer até que conheci a *Flupp*. Descobri a importância da literatura e para o que ela servia. Eles publicarão os meus contos e quadrinhos. Assim como foi pra mim de grande importância, incentivo outros jovens a participarem deste projeto que deveria ter pra sempre na Cidade de Deus.”

Uma das emoções apontadas por Valéria no editorial é a matéria sobre Rafaela Silva, judoca da Cidade de Deus ganhadora da medalha de ouro nas *Olimpíadas Rio 2016*. Na seção “CDD brilha”, moradores da favela dão depoimentos sobre a importância da vitória de Rafaela. Um deles é de Rodrigo Felha, cineasta e diretor do grupo Os Arteiros, argumentando que, depois do filme *Cidade de Deus*, esse é o maior ganho que a favela poderia ter. “O filme não foi uma coisa positiva historicamente, mas cinematograficamente o filme é maravilhoso! Mas este é o maior BUM positivo que a Cidade de Deus poderia ter na sua história. Este momento é histórico e a Cidade de Deus precisa saber disso.”

Thamyres Lopes, autora da matéria sobre Rafaela Silva, finaliza seu texto com um depoimento sobre a entrevista que fez com a judoca. “O dia em que uma jornalista negra e favelada entrevistou uma judoca medalhista olímpica negra e favelada. Esse dia ficará marcado pra sempre no meu coração.”

Apesar das inúmeras críticas que são feitas ao filme *Cidade de Deus*, Vivi Salles defende que a fama que ele proporcionou ajudou a favela a conseguir conexões importantes. Ela acredita, que mesmo daqui a cem anos, o nome da Cidade de Deus ainda vai estar associado ao livro e ao filme. Mas lamenta que todo esse movimento não tenha sido utilizado para o bem comum.

– O filme colocou a Cidade de Deus no mapa do mundo, hoje ela é tão famosa quanto Copacabana. É pelo mal? É. Mas do mal para o bem poderia ser um pulo. Mas muita gente sugou o dinheiro da periferia depois disso, né? E aí, cadê essas pessoas pra botar a cara agora e falar que estamos juntos?

No documentário *Cidade de Deus – 10 anos depois*, Cavi Borges e Luciano Vidigal acompanharam a trajetória dos atores e atrizes que protagonizaram *Cidade de Deus*, abordando as transformações vividas por eles ao longo da década. Além de mostrar a vida dos atores dentro das telas e o que isso proporcionou, o filme levanta inúmeras outras questões, como o racismo enfrentado por boa parte deles, o dia a dia nas favelas e periferias e as dificuldades de se viver de cultura no Brasil. Fernando Meirelles apoiou o projeto, cedeu imagens gratuitamente e deu entrevistas elogiosas sobre a produção. À época do lançamento, disse dar razão aos “esculachos” que tomou por conta de seu filme.

Vivi conta que leu *Cidade de Deus* aos 11 anos, antes mesmo de assistir ao filme. Sobre Paulo Lins, ela é só elogios:

## CAPA



Valéria Barbosa fala durante seminário de comunicação, uma das etapas de formação dos colaboradores para o jornal CDD - *A notícia por quem vive*

– Quando eu falo do Poesia de Esquina, quando eu faço um histórico da importância da literatura na Cidade de Deus, imediatamente eu posso fazer uma ponte com o Paulo Lins. Pra mim, como trabalhadora da cultura, essa conexão é muito importante. O livro dele deveria ser muito mais lido pelos moradores da Cidade de Deus. Mas se você for perguntar em um grupo de 50 pessoas daqui, é possível que nenhuma tenha lido. O filme todo mundo viu. Para mim, que sou da literatura, que atuo nela, venho dela, o livro é fundamental. Eu acho o Paulo um escritor foda!

Quinze anos depois do primeiro romance, Paulo Lins lançou *Desde que o samba é samba*, resgatando momentos da formação da cultura brasileira através do samba, da aparição da umbanda e dos modos de vida no Rio de Janeiro entre 1928 e 1931. O romance faz um mergulho na construção da identidade negra no país através das culturas afro-brasileiras, demonstrando como essas manifestações foram importantes na construção da dignidade do negro no Brasil.

Valéria Barbosa conta que foi amiga de escola de Paulo Lins, os dois estudaram na mesma sala e can-

taram juntos no coral da Escola Municipal Augusto Magne. Valéria chegou à Cidade de Deus aos onze anos de idade, removida da favela da Praia do Pinto.

– Eu vim para a Cidade de Deus na época da remoção, no caminhão do lixo, junto com todos os outros lixos que eles achavam que nós fôssemos. Mas eles quebraram a cara, porque nós somos sobreviventes. Os lixos eram eles.

Em seu livro, *Grandes mestres guardiões da Cidade de Deus - Fazedores de destino*, Valéria escolheu falar sobre a influência dos idosos na construção do território. Comprometida com a preservação da memória da Cidade de Deus, sua inquietação com o tema surgiu quando ela começou a perceber que as crianças gostavam muito das músicas que os idosos cantavam e das histórias que eles contavam.

– Decidi fazer este livro por ter um compromisso com a minha história, que está imbricada na daquelas pessoas. O objetivo é despertar o respeito e o cuidado com a pessoa idosa. Quis dar este presente para aqueles que conseguiram fazer de mim a profissional e pessoa que sou hoje. Vó Zefa, do Orfanato São José, que criou mais de 620 crianças,

o primeiro programa social da comunidade; dona Obassy, com a sua postura majestosa, passando pelas ruas da Cidade de Deus, poeta, cantora e atriz; senhor Alfredo com a sua participação junto ao padre Júlio nas missas, nos cursos de violão e no repente; dona Jandira Tavares com a catequese, o teatro e o repasse cultural para as crianças; dona Therezinha com sua costura, artesanato e compromisso com o empreendedorismo juvenil; dona Benta com o empreendedorismo de mulheres e jovens, além do gosto pelo jongo, uma manifestação cultural afro-brasileira; mestre Miúdo com a sua Folia de Reis; mestre Derli e a capoeira educando jovens e crianças; o senhor Severino Gomes, que transformou sua birosca em um centro cultural, o Tupiara; Anhaide, com a beleza de sua voz, quadros e apresentações; e o grande compositor Ovídio Bessa. As histórias dos mestres são contadas de forma lúdica. Não busquei fazer uma biografia, mas sinalizar o saber desses mestres. Pessoas comuns e com um potencial rico, guardado no baú do tempo. Foi só destrancar esse baú para que as histórias criassem vida



FABIO SEIXO

*Vivi Salles: “o filme, todo mundo viu. Sou da literatura e, pra mim, o livro é fundamental. Eu acho o Paulo Lins um escritor foda!”*

segundos, Vivi emudece. Em seguida, reconhece que seu discurso tem sido bem mais pesado do que era em um passado próximo, justamente por conta deste intenso acirramento da guerra.

– Se você tivesse vindo bater um papo comigo há um ano, talvez eu tivesse uma outra fala, mais propositiva. Mas nesse momento a gente está no meio da guerra. Por isso, eu preciso ter coragem de falar. É com poesia? Se for, vamos fazer isso. É com qual linguagem que a gente dá o papo? É com rap? Eu olho pra uma cena como a roda cultural da Cidade de Deus, com a molecada aí, comungando junto, retomando a cena de rap da favela, botando o equipamento na rua e fazendo roda, eu olho e vejo como uma das armas que a gente tem. Uma arma pra formular nosso discurso de forma poética sobre o social, sobre o político, sobre a vida na favela. Eu acredito que é da poesia da roda de rima, da poesia do sarau, da poesia do baile que a gente vai encontrar algum tipo de narrativa capaz de romper com o silêncio do medo. Mas, por outro lado, está foda fazer as coisas. A gente marca uma oficina de poesia: vamos discutir um poema, vamos discutir autores do século XX. Mas a gente para tudo e acaba discutindo a bala que está comendo. Nessa hora não tem mais poesia. Acabou a poesia com a bala. Aqui, pra gente, o que sobra é a farsa. A UPP é um projeto que, desde que estava na faculdade, eu já estava ligada que tinha uma conotação de farsa, mas não imaginava que seria tão evidente. Toda essa crise que aconteceu no Rio de Janeiro, com Cabral e todos os escândalos, tudo isso reflete aqui. É aqui que o chicote estala mais forte. Eu queria muito estar que nem meus amigos playboys, escrevendo poemas de amor. Mas eu estou completamente estressada com as notícias de gente morrendo aqui na rua de trás, com a notícia do moleque de 17 anos que tomou um tiro dentro de casa. O nosso poema tem nascido a partir do sangue.

Em um momento de sua análise sobre *Cidade de Deus*, Roberto Schwarz se detém sobre um trecho do livro que afirma que, “quando trocam tiros, a autoridade e os bandidos põem ‘meia cara na quina da esquina’”. Segundo Schwarz, “o acerto da expressão, com rima interna e tudo, faz pensar que não só a arte decanta a vida como também a vida se inspira nos seriados de televisão a que bandidos e policiais assistem”.

A literatura brasileira contemporânea é um “território contestado” (para lembrar o importante trabalho da pesquisadora Regina Dalcastagnè), território esse em que a dicção e a temática popular lutam para obter legitimidade, em que o monopólio da voz é questionado e o enfrentamento entre os criadores e as questões do seu tempo chegam a resultados que não estão determinados de antemão.

Pensando na influente cena cultural da Cidade de Deus, é possível ampliarmos o trecho analisado por Roberto Schwarz através do reconhecimento de que as disputas que se dão nas esquinas da favela não se resumem apenas ao tráfico de drogas, às mortes e às intensas trocas de tiro entre bandidos e policiais, mas são também disputas capazes de incluir novos nomes nesse “território contestado”. São disputas pelo direito de experimentar estética e poeticamente a vida.

Já o jornal *CDD – A notícia por quem vive* surgiu de uma necessidade apontada no portal comunitário da Cidade de Deus. Perceberam que havia uma grande dificuldade de comunicação. Valéria explica que a publicação se dá por meio de parcerias e as matérias emergem do próprio contexto interno. Ela defende a opção pelo impresso como escolha fundamental não só para democratizar a leitura, mas também como forma de driblar a efemeridade das redes.

– Segurar na mão a sua própria história tem muito mais força!

Cada edição do jornal precisa encontrar um caminho próprio de financiamento. Para isso, a equipe já foi para sites de *crowdfunding*, já fez rifas e já pediu doações diretas. Para a 14ª edição, Valéria conta que a verba foi conseguida em um edital da Secretaria Municipal de Cultura (o Ações Locais), com a contrapartida de que o jornal deve realizar oficinas para formação de novos colaboradores. É a segunda vez que o jornal é aprovado. Ela conta que, na primeira vez em que participou de uma oficina para inscrição em edital, ouviu dos presentes que jornal não seria cultura.

– Como não é cultura, gente? Quem vai falar do que está sendo feito aqui? Quer mais cultura do que um jornal?

Valéria levanta um ponto importante sobre a presença secundária de mulheres em diversas narrativas históricas sobre as favelas. Comentando as várias cenas com crianças no filme de Meirelles e Lund, ela defende que, se foi preciso evocar a presença de crianças se marginalizando, era imprescindível não esquecer que as mães destas mesmas crianças estavam em seus trabalhos.

– Toda essa estrutura que aconteceu na Cidade de Deus foi plantada pelo próprio poder público. A partir do momento em que o poder público faz remoções de diversas favelas e joga todo mundo a quilômetros de distância, essas mães ficam onde? Elas estavam no trabalho. Os pais precisavam trabalhar pra manter a família. As mães estavam cuidando dos filhos dos ricos lá da Zona Sul.

#### **TERRITÓRIO CONTESTADO**

Um som de tiro invade a janela, vindo de algum lugar aparentemente próximo. Por alguns poucos

## PERFIL

# A alma de V. Nabokov, uma boneca russa

Sirin, Knight, John Shade: as várias personas de um escritor morto há 40 anos

Fernando Monteiro

MARIA JÚLIA MOREIRA



**Um escritor de** origem russa – e obra escrita em inglês impecável – faleceu há 40 anos, encerrando uma misteriosa vida que nem o meio-irmão conseguiu decifrar (apesar da obsessão por ele). Seu nome: Sebastian Knight.

Um escritor de origem russa – e obra escrita em inglês impecável – inventou esse “Sebastian Knight”, assim como criou aquela menina de (adorável) carne literária chamada “Lolita”, e também deu notável osatura ao poeta “John Francis Shade”, além de “Charles Kimbote” e outros fantasmas saídos do seu caldeirão de mestre e mago, escritor de escritores, pertencente à linhagem da ficção do simulacro que veio a oferecer as matrizes da ficção que hoje admiramos em Sebald, Bolaño, Banville *et altri*.

Se já existiu um bruxo literário, esse bruxo não foi o argentino Borges, mas um russo filho da velha aristocracia de São Petersburgo. Seu nome: Vladimir Nabokov, que faleceu há exatos 40 anos, no dia 2 de julho de 1977, em Montreux, na Suíça.

### “CHAPELEIRO MALUCO”?

Com o respeito que nos merece Lewis Carroll, é possível pensar numa – refinada – fantasia meio ao gosto de um “chapeleiro maluco” que fosse metodicamente empenhado em criar obras artísticas (com uma moderna medida flaubertiana) ao tentar descrever a obra de Nabokov.

Claro, não é bastante e nem sequer, talvez, um bom “acostamento” para os que tenham a visão de Alice nos limites de toda a insuficiência do que já se escreveu sobre Carroll. O caso do autor de *A verdadeira vida de Sebastian Knight* ultrapassa um tanto as intenções dezenovescas da menina no país das –

sombrias – maravilhas e leva o disfarce, a sombra, a carapuça dos seus personagens para as nossas cabeças, ainda hoje, com a esquisita exatidão de um enxadrista apaixonado pelos mais difíceis problemas da vida como se fossem casos de xeques-mates literários logrados com a fina arrogância de quem conhecia tudo, literalmente tudo, em matéria de literatura. Seus alunos na Universidade de Cornell tiveram a oportunidade de perceber isso – e ainda hoje são deslumbrados pela lembrança de aulas que mudaram as suas vidas.

Não por acaso, o menino Vladimir era devotado à matemática e ao mimetismo das cores das borboletas dos verões da infância (essa infância campestre, nobre, que ele talvez evocasse, acima de tudo, num discurso de Prêmio Nobel que nunca precisou proferir).

Porque Nabokov foi uma daquelas ausências gritantes na lista dos premiados com o galardão internacional... e, no entanto, fica difícil vê-lo escolhido pela Academia Sueca. Na verdade, é impossível imaginá-lo recebido na fria Estocolmo pela quentura humana (demasiado humana) do seu maior êxito literário, consolidado no meio do escândalo de um romance que chegou a ser proibido como “pura pornografia”, em 1955.

### LOLITA

O nome da personagem se incorporou ao mundo do erotismo pornô no qual chafurdamos hoje, e isso marcaria a sofisticada obra do autor de *Fogo pálido*, *Ada*, *Coisas transparentes*, *Gargalhada na escuridão* e outros títulos de primeira grandeza.

É preciso, porém, todo cuidado com esse rematado mestre do jogo do jogo. Sua gargalhada (na verdade



inimaginável, em se tratando de autêntico aristocrata) ainda ressoa não só nas séries literárias, mas nas classes do professor de fina ironia de *scholar* capaz de definir “estilo e estrutura” como a essência de um livro: “Grandes ideias não passam de lixo, mas os detalhes contam a verdadeira história”.

Para se compreender melhor o romancista de *The real life of Sebastian Knight* é preciso retornar à Rússia pré-revolucionária – da qual o escritor nunca saiu, espiritualmente. Real Cavaleiro de São Francisco, o criador de Zembla (país imaginário parecido com a Rússia, é claro) viveu um daqueles dramas despercebidos do século que passou rápido demais. Seu nascimento se deu em 22 de abril de 1889, quando ainda refulgia o ouro Fabergé no país real, prestes a desaparecer na nuvem do luxo czarista.

Filho do eminente advogado e político V. Dmitrievitch Nabokov, Vladimir foi educado nas línguas inglesa e francesa – antes de aprender o russo. A mãe, Elena Ivanovna, vinha de “uma família de aristocratas proprietários de terras na província de Kazan”, e sua imagem, clara como uma manhã de Vira, é um dos mais belos momentos da autobiografia intitulada *Speak, memory* (que, no Brasil, se tornaria *A pessoa em questão*, estramboticamente assim intitulada, na excelente tradução de Sergio Flaksman para a Companhia das Letras).

Ali e em *A verdadeira vida de Sebastian Knight* estão uma infância e uma adolescência passada entre os últimos fulgores do antigo regime, que o autor evoca com a paciência de quem examina as cores evanescentes de borboletas raras, capturadas em rede de grão fino. Os verões e os invernos, os Natais e as *briskas*, os retratos nas paredes e as salas abertas para as reuniões de

## Se já houve um “bruxo literário”, esse não foi o argentino Borges, mas um filho da velha aristocracia russa: Nabokov

família, as férias na Riviera e os trens lentos a caminho do desconhecido – seguindo para longe de uma Rússia perdida – brilham e doem também na alma do leitor que ouve a fala (e a *farfalla*) da memória de Knight-Nabokov.

Se a autobiografia é, necessariamente, sobre personagens reais (serão?), o romance que caminha para os 80 anos – primeiro real sucesso de Nabokov, datado de 1941 – é sobre um escritor imaginário, também filho da aristocracia russa. Knight, como o seu criador, teve que emigrar para a Inglaterra – para nunca mais voltar a ver a pátria dos confiscos e das propriedades perdidas. Visto, às vezes, como um reacionário que nunca se conformou com a

perda de bens da família, é necessário apenas ler o Knight, ou a autobiografia, para se desfazer tal impressão redutora de um homem complexíssimo. A “perda” da sua lamentação artística não é tanto a da riqueza, a do conforto desfrutado por sobre a miséria dos mujiques – no escritor que sabia ser a estepe russa o campo das maiores injustiças –, mas aquela da revolução íntima, da pátria de uma tarde, da nação de ouro que se incrusta naquele “adeus a uma ideia”... como despedida permanente de tudo, que pressente no rosto da mãe: “Parecendo intuir que em poucos anos a parte tangível de seu mundo iria perecer, ela cultivava uma consciência extraordinária das várias marcas do tempo distribuídas por sua propriedade campestre. Preservava a memória do passado com o mesmo ardoroso fervor retrospectivo com que hoje rememoro a sua imagem e o meu passado. Assim, de certa forma, herdei um extraordinário simulacro – a beleza da propriedade intangível, os imóveis inexistentes –, e isto acabou se revelando uma esplêndida preparação para perdas posteriores”.

### O JOGO DO JOGO

Mas não se pode esquecer que o escritor foi também sincero no seu gosto por charadas & truques: na mesma autobiografia, ele faz surgir o cenário dos escritores *émigré* – todos aqueles espíritos tangidos (para Berlim e Paris principalmente) pela tempestade bolchevista – e escreve, no penúltimo capítulo de *Speak, memory*:

“Minha paixão pela literatura de qualidade me pôs em contato com vários escritores russos no estrangeiro. Eu era jovem e me interessava muito mais pela literatura do que hoje” (ele escreve no final dos anos 1940, e está disfarçando o interesse, de obcecado, pela literatura, que manteve a vida inteira: chegou a “desmontar”, para muitos, a falácia da literatura de Borges, numa das suas aulas irônicas, em Cornell, para seus alunos quase todos admiradores das primeiras traduções do argentino que acabavam de aparecer nos EUA).

Recordando a comunidade de escritores emigrados logo após o Outubro Vermelho – ou poucos anos depois –, ele passa a traçar alguns precisos retratos de Vladislav Khodassievitch, do grande Ivan Bunin (seu *sketch* do velho Cavaleiro às voltas, como uma múmia, com um longo cachecol, numa calçada parisiense, é impagável) e esboça rápidos perfis de Poplavski, Aldanov, Kuprin e Marina Tsvetaeva (“mulher de um agente duplo e poeta de gênio”) até chegar a V. Sirin, apenas para acrescentar de forma quase misteriosa: “Mas o escritor que mais me interessava era naturalmente Sirin. Pertencia à minha geração. Dos jovens escritores no exílio, era o mais solitário e o mais arrogante. A partir da publicação do seu primeiro romance em 1925 e ao longo dos 15 anos seguintes, até desaparecer tão prontamente quanto surgira, sua obra sempre despertava um interesse intenso e mórbido da parte dos críticos. Assim como os divulgadores marxistas da década de 1880 na velha Rússia teriam denunciado sua falta de interesse pela estrutura econômica da sociedade, os mistagogos da literatura no exílio deploravam sua falta de percepção religiosa e de preocupação moral...”

E Nabokov segue falando, em *A pessoa em questão* (?), da obra e da vida de Vladimir Sirin, que, de fato, publicou *Mashenka* (e mais dois ou três romances discutidos nos círculos dos refugiados), mas cujo verdadeiro nome – veio a se descobrir mais tarde – era... Vladimir Nabokov. Ou Sebastian Knight. Ou, aliás, John Francis Shade, ou, ainda, Charles Kimbote e todas as personas do escritor embutido nas muitas matrioscas da sua alma (para evocar, apropriadamente, o tradicional brinquedo russo de uma figura de boneca dentro de outra), como um livro dentro de um livro ou um espelho dentro de um armário de vidro.

Em tempo: exemplares (parisienses e berlinenses) de “V. Sirin” valem hoje uma fortuna, no mercado de livros raros. O nome também aparece – junto com o de Nabokov – em algumas enciclopédias literárias, no capítulo da ficção russa pré-revolucionária. Existe um gênero de borboleta, descoberta pelo autor de *A verdadeira vida de Sebastian Knight*, que está nos anais da entomologia, sob o nome de *Lycaeides sublivens Nabokov*.

Isto é, até que, algum dia, talvez venha a se descobrir uma borboleta chamada de *Lycaeides sublivens Sirin*...

# HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



**Assine.**  
 Revista Continente  
 +  
 Suplemento Pernambuco  
**0800 081 1201**  
 e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



**VIAGENS GERAIS**  
 Celina de Holanda

Comemorativo do centenário da poeta pernambucana Celina de Holanda, reúne seus livros publicados *O espelho e a rosa* (1970); *A mão extrema* (1976); *Sobre esta cidade de rios* (1979); *Roda d'água* (1981) e *As viagens* (1984); os inéditos *Afago e faca* e *Tarefas de Nigiam*; além de poemas publicados em antologias.

R\$ 70,00



**E EU, SÓ UMA PEDRA**  
 Helton Pereira

Ilustrado pelo artista gráfico mineiro Cau Gomez e vencedor do I Prêmio Cepe Nacional de Literatura (categoria infantojuvenil), este livro aposta na invenção, com trato cuidadoso da fantasia e ousadia intelectual. O protagonista é um personagem singular, que foge dos clichês das histórias infantis.

R\$ 30,00



**POESIAS COMPLETAS**  
 Sebastião Uchoa Leite

Reúne a produção do pernambucano Sebastião Uchoa Leite, em coedição da Cepe Editora e Cosac Naify, com *Dez sonetos sem matéria*, *Antilogia*, *Isso não é Aquilo*, e *Obras em dobras*. Inclui também *Dez exercícios numa mesa sobre o tempo e espaço*, *A uma incógnita*, *A ficção vida*, *A espreita* e *A regra secreta*.

R\$ 40,00



**VIAGEM AO BRASIL (1644-1654)**  
 Peter Hansen Hajstrup

É um dos raros relatos de gente de baixa patente recrutada pela Companhia das Índias Ocidentais para servir em seu exército no Brasil. O autor, jovem dinamarquês de origem camponesa, descreve num diário os estereótipos da presença holandesa em Pernambuco, entre 1644 e 1654, num relato de violência e miséria.

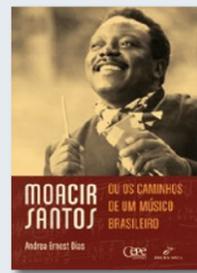
R\$ 50,00



**MANUSCRITOS EM GRAFITE**  
 Rejane Paschoal

Vencedor regional no IV Prêmio Pernambuco de Literatura (parceria Cepe/Fundarpe), desenvolve contos que aprofundam olhares sobre a existência humana, tendo a memória e a morte como um retrato antigo entre escombros, um olhar sensível sobre personagens e narradores que garante a unidade subjacente da seleção.

R\$ 30,00



**MOACIR SANTOS OU OS CAMINHOS DE UM MÚSICO BRASILEIRO**  
 Andrea Ernest Dias

Moacir Santos foi professor de Baden Powell, Roberto Menescal, Sérgio Mendes, João Donato, Nara Leão, Eumir Deodato e Carlos Lyra, entre outros. Conhecido pelo virtuosismo, tocava saxofone, piano, clarineta, trompete, banjo, violão e bateria. Vivendo desde 1967 nos Estados Unidos, recebeu inúmeras distinções.

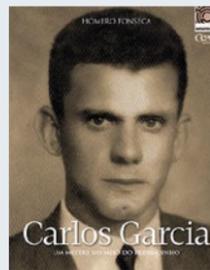
R\$ 40,00



**MEUS QUERIDOS AMIGOS**  
 Dom Helder Camara

A jornalista Tereza Rozowykwiat selecionou 200 das 2.549 crônicas que Dom Helder leu no programa *Um olhar sobre a cidade*, da Rádio Olinda, tratando de temas políticos e injustiças sociais, paralelamente a textos em que falava de religião, atitudes sociais, amor, e suas visões sobre o universo e a natureza.

R\$ 60,00



**CARLOS GARCIA. UM MESTRE NO MEIO DO REDEMOMINHO**  
 Homero Fonseca

Referência do jornalismo pernambucano na segunda metade do século XX, Garcia esteve no centro do furacão da política brasileira, envolveu-se com as novas tecnologias jornalísticas, escreveu livros e ainda teve tempo para formar toda uma geração de profissionais na sucursal do *Estadão* no Recife, que chefiava.

R\$ 80,00



**ENSAIOS PSICANALÍTICOS EM INTERFACE COM A FILOSOFIA**  
 Zeferino Rocha

Temas existenciais como o Cuidado, a Dor, a Ilusão e a Desilusão, a Paixão Amorosa e o Amor, o Desamparo e a Depressão, são abordados neste livro que entrelaça as teorias psicanalíticas com as questões filosóficas, buscando compreender as contradições que atingem o homem num mundo contemporâneo conturbado.

R\$ 50,00



**PARA ONDE VAI A TELEVISÃO BRASILEIRA?**  
 Luiz Carlos Gurgel

Análise da situação da TV aberta no Brasil e caminhos futuros. O impacto das novas tecnologias, concorrência com a internet e a TV por assinatura, interatividade e multiprogramação, importância das novelas e telejornais como elementos de fidelização, e a TV como ferramenta educacional são alguns dos temas.

R\$ 30,00



**A AVENTURA DO BAILE PERFUMADO: 20 ANOS DEPOIS**  
 Paulo Cunha  
 Amanda Mansur (Orgs)

O *Baile Perfumado* marcou a retomada do cinema pernambucano, abriu caminho para novos diretores, adotou uma estética de qualidade com baixo custo, e influenciou na cena, que passou a contar com incentivo público para a produção audiovisual, cursos de cinema, crescimento do cineclubismo e participação em festivais.

R\$ 55,00

**Cepe**  
 EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

HALLINA BELTRÃO

# INÉDITOS

Micheline Verunschik



**Eles chegaram** e tudo ficou vermelho, desde o céu em cima da gente até o chão embaixo dos pés, a poeira que eles levantaram. E não era um vermelho qualquer, nem vermelho de flor ordinária, dessas que nascem em toda rama-gem, nem vermelho do sol que vai se pondo e esmaecendo em outras cores, laranja, amarelo. Era um vermelho daqueles que sangram. Eu já vi muito bicho sangrar. E eu sei como é. E aquela poeira que eles levantaram no dia em que chegaram era esse sangue, esse pó de sangue, que ora se ajuntava, concentrado, ora se espalhava se agarrando a tudo, essa nuvem.

Eles eram seis, cinco homens e uma mulher, e os cabelos brancos dela, uma coisa de meter medo. Cabelos que rodopiavam. Lembro que foi a primeira imagem que me encheu de medo. Como era possível que tivesse cabelos de velha se velha não era? Eu não sabia. Mas sempre soube que eles não eram de perto, da vila, dos sítios vizinhos. Suas caras, seus corpos, seus jeitos de vestir e de falar pareciam de muito longe, de um lugar que caminhava junto com eles. Certo que fui poucas vezes ao povoado, e nessas ocasiões nosso pai sempre se mostrava contrariado de que eu desobedecesse à ordem de não levantar a cabeça, de não chamar a atenção dos outros, mas tudo eu olhava bem olhado, de sobrolho que fosse, porque existir era olhar e porque eu queria aprender tudo o que fosse diferente. E eu aprendo depressa. Muito depressa.

Quando nossa mãe e nosso pai ouviram o trovão da porta caindo aos nossos pés, já era tarde, tarde demais. Nosso pai não teve nem tempo. Um dos homens foi logo passando a lâmina do facão em pescoço de nossa mãe e ela caiu de joelhos sobre o próprio corpo sem que tenha dado um grito sequer, seu sangue jorrando como o leite que sobe na panela e logo coagula, aquela nata. Cabeça rolando para um lado, os olhos saltados para fora e *bonc!*

Ontem mesmo eu acordei no meio da noite e achei que havia escutado de novo o barulho da cabeça caindo. Isso acontece muitas vezes, acontecia mais antes, no tempo de ser pequeno, mas é um ruído que não me deixa, que não esquece de mim. Às vezes é tratável, abafado, e o susto me faz apenas abrir os olhos. Mas há

noites em que vem como um estrondo e restruge como se caísse a trempe de panelas ou como um trovão que ricocheteia morro após morro. Quando é assim, eu acordo saltado, num pulo que me deixa ossos e carne inteira rijas, as veias todas saltando por debaixo da pele. Eu não gosto. Mas acontece.

Nosso pai também não gritou. Rangia dentes e torcia olhos. Segurado pelos homens, ele pôs nele mesmo um jeito de ser tão duro, que quem o visse acharia que era de morte aquela dureza toda, uma armadura. Mas morto ele não estava. Talvez com raiva, talvez apavorado. Quando acordo no meio da noite pelo trovão da cabeça de mãe, é pai quem se apodera de mim, a mesma couraça, semelhante madeiramento. Não que eu já tivesse visto pai apavorado. Com raiva, sim. Mas apavorado, nunca.

Morávamos nos Gritos. E morar ali, era morar perto do fim do mundo. E morar perto do fim do mundo é morar longe, perto de nada, numa terra sem país. E nos Gritos havia a nossa casa, o grande tamboril no terreiro e uma vastidão de nada vestida de um verde ralé, verde cinzento, que não se atrevia a crescer contínuo em direção ao céu, verde de mato ralo, de poucas árvores espaçadas umas das outras, sem dar forma a qualquer floresta. Só quem já morou nos Gritos sabe o que é viver numa terra sem país. De vizinho, só um velho fardado, que morava umas seis léguas distante, vestido de uniforme de combate o tempo todo, sob sol a pino ou chuva que caísse, ele de uniforme, com sua cara de louco, só ele e um filho aleijado de braços e pernas. De resto, chão e céu, e a paisagem.

Isso era o comum.

A gente é o povo dos Gritos, dizia nossa mãe insistente, quando se dava a falar. Às vezes, ela chorava. Quando nosso pai sumia de tempos em tempos e ela ficava lá naquela espera enorme dela, enfiada naquela solidão sua, ela se aquietava. Mas é certo que ela se fazia mais triste e mais chorava quando ele chegava de volta, sua lamúria escondida no vestido, no braço que se torcia para enxugar lágrima e ranho.

O incomum foi aquilo.

Mãe morta, pai debaixo dos pés dos outros e os gritos meus e do meu irmão sendo arrastados

para fora da casa. No terreiro, mijados de medo, ficamos mudos, como que combinados de silêncio, não porque tivéssemos a sorte da mudez de nossa mãe ou da indignação calada do nosso pai ou ainda por possuímos qualquer coragem, mas talvez porque ver nossa mãe ali, morta, e nosso pai pisado, tenha nos feito engolir a fala, como quando eu caí de costas da árvore e até quis gritar, mas não pude, minha voz presa na caixa do peito me impedindo de chamar por quem me acudisse.

O medo da morte fede a mijó. Foi uma coisa que aprendi aquele dia.

No pátio, a mulher me empurrou para cima de um dos homens com tanta ignorância que um dente meu quebrou ao bater na arma dele. Cadela!

Enquanto isso, ela foi vasculhando a cabeça do meu irmão procurando algo que não estava lá. Ao desistir dele, veio sobre mim, encontrando a cruz, duas saliências cruzadas escondidas entre os meus cabelos. Uma cruz. Era isso que ela procurava. Hoje eu sei que era isso, um sinal de morte. Mas antes eu não sabia.

Sobreviver pode ser um acidente ou uma arte. Eu, por mim, que já soube sobreviver das duas formas, aprendi que se valer da arte tem mais inteligência e verdade.

O meu, o que é meu, ela disse num esgar de dentes contra meu pai. O meu, o que é meu. E essa tua mulher aí, pasto de vermes, ponho também na tua contabilidade, ela disse. Que Deus a tenha, essa tua mulher, pobre Corália!

Eu nunca havia escutado ninguém falar como ela. Pasto de vermes. E quem falava assim com pai? Era o impensável. Mas o mais incrível é que nunca eu ou meu irmão saberíamos que nossa mãe tivesse um nome. Ela era mãe, e isso bastava. Mulher, na boca do nosso pai quando de bons ventos. Imprestável, cadela, latrina, quando assomado de ruindades. Nosso pai e nossa mãe eram de poucas conversas, de modo que até ali sabíamos quase nada das palavras. Grunhidos, gritos, pancadas. Comparado com hoje, sabíamos é um mundo muito pobre de palavras e gestos, só a nomeação das poucas coisas que nos cercavam. E não precisávamos de muito mais.

## SOBRE A OBRA

O trecho integra o livro *O peso do coração de um homem*, romance lançado recentemente pela Editora Patuá. No romance, as falas dos personagens não são sinalizadas por travessões, mas pela ausência de recuo no parágrafo.

# INÉDITOS

## Anna Świrszczyńska

Tradução e nota de Piotr Kilanowski

ARTE SOBRE FOTOS DE REPRODUÇÃO



**Anna Świrszczyńska** (leia-se algo como Xfirtchinska, ou Xifirtchínska numa versão que seria mais fácil de se ler por aqui) foi uma poeta polonesa que nasceu em 1909 na cidade de Varsóvia. Também foi dramaturga e notada autora de versos para crianças. Publicou os primeiros poemas em 1930, sendo que seu livro de estreia foi publicado em 1936. A experiência da guerra, principalmente a participação no Levante de Varsóvia, em 1944, transformou sua linguagem poética. Embora tivesse recebido prêmios em concursos literários clandestinos durante a II Guerra, seu novo estilo foi caracterizado pelo rompimento com o anterior.

Sua nova forma poética era privada das ricas metáforas, das estilizações para o polonês antigo e dos elementos grotescos que marcaram seus poemas escritos antes e durante a II Guerra. Ela mesma, na introdução ao volume de *Poezje wybrane* (*Poemas seletos*) de 1973, considerava que cada poema precisava de uma forma singular para expressar seus conteúdos e que o papel do artista era continuamente criar seu próprio estilo e simultaneamente destruí-lo, para criar um estilo novo e próprio. E, de acordo com essa afirmação, podemos rastrear a história dos estilos criados e destruídos na obra de Świrszczyńska: os poemas de antes da guerra, marcados com a educação artística que recebeu em casa – seu pai foi pintor, escultor e pesquisador de folclore –, cintilam com variadas cores do idioma, estilizações na linguagem renascentista ou barroca e uma mistura de humor e seriedade.

Mas suas duas faces poéticas mais conhecidas têm a ver com a poesia feminista e com o relato poético da experiência do Levante de Varsóvia. Por mais que sejam expressas de maneiras diferentes, são inseparavelmente relacionadas entre si. A visão da guerra e da destruição da cidade, contida no volume *Eu construí a barricada* (*Budowałam barykadę*), são um raro exemplo de poesia testemunhal feminina polonesa. Seus poemas feministas são

muito marcados pela experiência do corpo e da corporalidade, cuja percepção, indubitavelmente, foi influenciada pelo trabalho de enfermeira na guerra urbana.

Embora o livro *Jakiegoż to gościa mieliśmy* (*Mas que hóspede que nós tivemos*), escrito pelo famoso poeta Czesław Miłosz (1911-2004), tentasse colocar seu nome e poesia no alto panteão poético polonês, a recepção de Świrszczyńska, por causa de sua coragem e revoluções estilísticas, até hoje enfrenta dificuldades.

Seus poemas feministas, como os dos volumes *Jestem baba* (*Sou mulher*) ou *Szczęśliwa jak psi ogon* (*Feliz como o rabo do cachorro*), que de modo inédito, inventivo e despidorado apresentam tanto a sexualidade quanto a corporalidade feminina em suas glórias e sofrimentos, até hoje são vistos com certa reserva. A apresentação do mundo da mulher, por meio de compartilhar e comunicar suas experiências tão diferentes do sempre representado mundo masculino, e sua concepção da mulher, minam a visão estereotipada. A linguagem excessivamente simplificada e, por isso, inovadora na sua capacidade de comunicar, o choque que causou ao falar de modo direto sobre suas experiências da corporalidade, sobre a guerra e sobre ser mulher ainda causam perturbação, mesmo depois de transcorridas mais de três décadas desde a sua morte, em 1984.

O volume *Eu construí a barricada*, cujo tema é o Levante de Varsóvia, publicado pela primeira vez em 1974, trinta anos após a revolta, além de ser um relato poético testemunhal, é também a prova de um estilo que evita monumentalismo ao falar da guerra. É comparável talvez à *Pamiętnik z Powstania Warszawskiego* (*As memórias do Levante de Varsóvia*), escrito em prosa pelo poeta Miron Białoszewski (1922-1983) e publicado em 1970. Tanto essa obra quanto a de Świrszczyńska fogem do *páthos* com o qual se costumava apresentar a guerra até então. Predomina nelas a visão do ser humano comum. Mesmo quando aparecem heróis, estes são diferentes dos protagonistas

sobre-humanos das epopeias antigas e modernas. Pelo contrário, o que os faz heroicos é a sua humanidade. No país que cultivava lendas heroicas, muitas delas relacionadas com o martírio do Levante de Varsóvia, relatos deste tipo dificilmente ganham popularidade. No caso de *Eu construí a barricada*, a questão é mais problemática ainda, pois lidamos com a guerra sob a ótica de uma mulher. Observamos nesta saga vários papéis, predominantemente femininos: uma enfermeira no hospital, que morreria para poder poupar sofrimentos aos outros; uma mulher que enfrenta o pelotão de fuzilamento; um casal de irmãs aleijadas cuja motivação de se manterem vivas é cuidar uma da outra; uma servente que carregava comadres no hospital do Levante; uma escoteira cujo último desejo envergonhado é ser enterrada não com sua farda, mas com um vestido de rendas que nunca teve oportunidade de usar na vida; e um ser humano, cuja vontade de sobreviver o faz roer um muro para se enterrar nele e viver como uma centopeia.

A poeta apresenta várias cenas, diálogos e monólogos que nos mostram a vida do cotidiano do Levante entre tiroteios, mortes, fuzilamentos e batalhas. Observamos como a guerra desfaz os relacionamentos familiares, sociais e humanos. Os sonhos, as esperanças, as decepções e a cruel realidade da cidade agonizando sob o bombardeio são apresentados diretamente, por meio de recortes, que ajudam a formar um panorama. Nos tempos da agonia de Aleppo, da guerra que devassa as cidades do Leste da Ucrânia, da ainda fresca memória de Sarajevo, a Editora Dybbuk nos brinda com este relato poético sobre a guerra urbana de 70 anos atrás, tão antigo e tão atual ao mesmo tempo, consciente de que é preciso trazer os *dybbuks*, os espectros do passado, de volta, na esperança de poder exorcizá-los no presente. A edição bilíngue conterà fotos do Levante e deverá ser publicada no septuagésimo terceiro aniversário do início do Levante de Varsóvia, no mês que vem.

### SOBRE A OBRA

Os poemas integram o livro *Eu construí a barricada*, que será lançado no segundo semestre pela Editora Dybbuk.



#### O OFICIAL ALEMÃO TOCA CHOPIN

O oficial alemão  
caminha pela cidade morta,  
tropel das botas  
e eco.

Entra na casa morta,  
não há porta,  
passa na soleira pelos corpos  
das pessoas mortas.

Chega ao piano,  
bate  
na tecla.

O som flui pelas janelas sem vidros  
pela cidade morta.  
O oficial senta.  
Toca Chopin.

#### O SOLDADO ALEMÃO

Hoje de noite choravas no sono,  
sonhavas com teus filhos  
na cidade distante.

Levantaste de manhã, farda, capacete,  
metralhadora no ombro.

Foste jogar vivas no fogo  
as crianças alheias.

#### ESPERANDO O FUZILAMENTO

Meu medo fica mais poderoso  
a cada segundo  
sou poderosa  
como um segundo de medo  
sou um universo de medo  
sou  
o universo.

Agora quando  
estou no paredão  
e não sei se fecho os olhos  
ou se não fecho.

Agora quando  
estou de pé no paredão esperando  
o fuzilamento.

#### O SONHO DA ESCOTEIRA

Quando já me tiverem fuzilado,  
nem tudo ainda vai terminar.

Vai se aproxima  
o soldado que me fuzilou,  
e dirá: tão jovem,  
que nem a minha filha.

E abaixará a cabeça.

#### O HOMEM E A CENTOPEIA

Eu vou sobreviver.

Vou encontrar o porão mais profundo,  
me trancar e não deixar ninguém entrar,  
vou cavar uma toca no chão,  
mastigar os tijolos com os dentes,  
vou me esconder no muro, entrar no muro,  
como uma centopeia.

Todos vão morrer, mas eu  
vou sobreviver.

#### CARREGAVA COMADRES

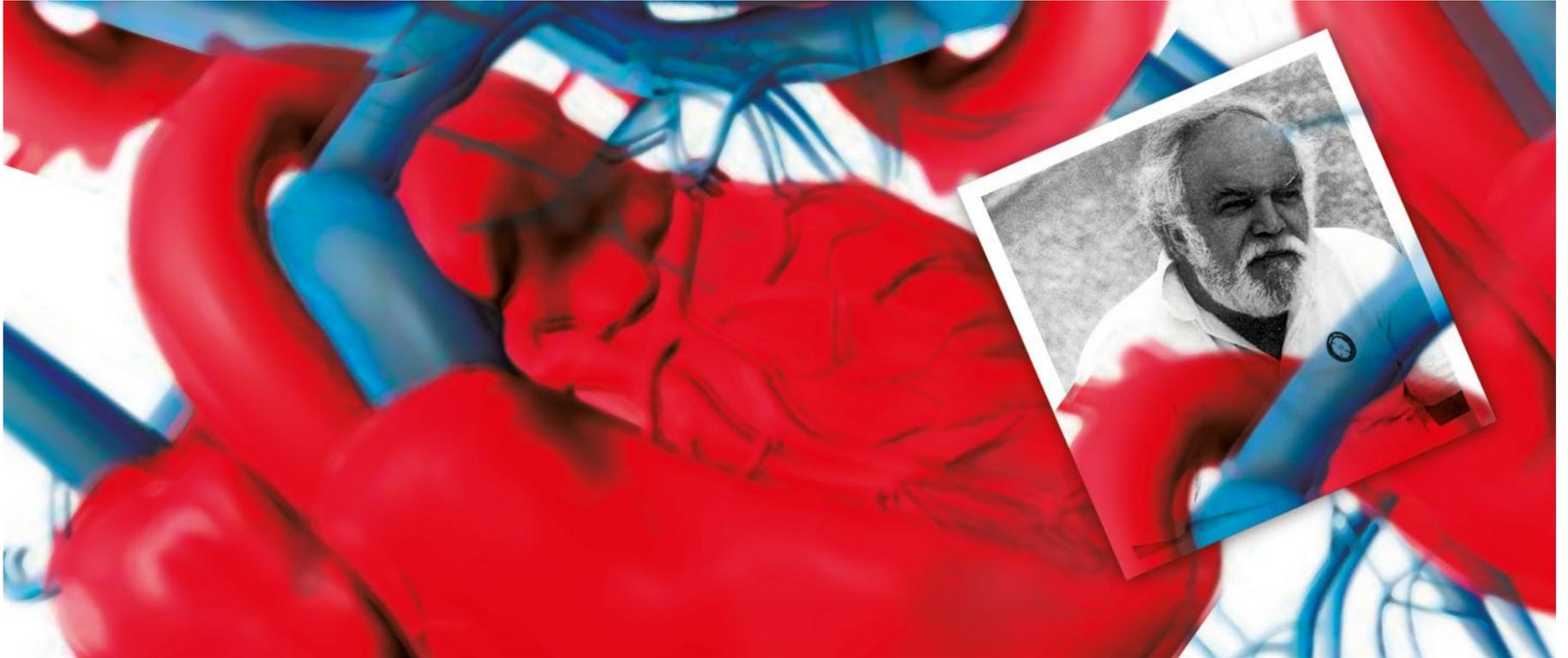
Fui servente num hospital  
sem remédios e sem água.  
Carregava comadres  
com pus, sangue e fezes.

Amava pus, sangue e fezes,  
eram vivos como a vida.  
A vida ao redor  
estava cada vez mais escassa.

Enquanto parecia o mundo  
eu era apenas um par de mãos que entregavam  
a um ferido uma comadre.

# RESENHAS

ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



## Performance sobre o coração que cessa de bater

Poesia de Jorge Wanderley alia ironia e afeto para recriar os resultados de um infarto

Igor Gomes

Está o homem sentado numa cadeira, com cachimbo na boca. Ele nos adverte da inutilidade de sua obra. É cínico, ou age como fosse; e nos responsabiliza por quaisquer efeitos que a leitura de sua obra venha a provocar. Essa obra, ao que parece, é onde o poeta medeia uma conferência entre três sólidos espectros: leitor, infarto e a vida trivial – esta, uma matéria que deve ser observada e subvertida no poema.

*Coração à parte*, de Jorge Wanderley (1938-1999), começa, continua e termina mais ou menos como ao quadro delineado nas linhas anteriores. Originalmente lançada em 1979 e republicada recentemente pela Luna Parque, na obra o eu poético subverte as consequências psicológicas de um problema coronário para nos meter nos “rescaldos” performáticos de um trauma. Foi

originalmente publicada depois de Wanderley ter sofrido um infarto. Seus versos são livres, mas referências eruditas pedem que o leitor, na brincadeira de ler o que está escrito, vá além das regras óbvias do “jogo”, ainda que os poemas tenham um sentido mesmo sem repertório erudito.

A estrutura de *Coração à parte* nos sugere um roteiro das preocupações do autor. O prefácio explica o problema do coração e os dois primeiros poemas sugerem o trato literário do poeta – um poema que usa a imagem de Shakespeare com o cachimbo para falar do fazer literário (e o cachimbo tanto pode ser o de Magritte) e uma releitura de Emily Dickinson para criar um encontro sexual em um bar. Indicações de um trato erudito que tende a ficar mais claro nos poemas posteriores ao conjunto de versos sobre coração e morte,

estes subsequentes aos poemas de abertura.

Conhecer essas referências expande o alcance dos significados, propondo releituras em que se misturam os parâmetros normais da vida empírica e a vida subvertida na arte – *Afasta de mim todas as taças envenenadas / corta todas as minhas mãos direitas / e me faz dormir entre espaços infinitos / onde há mais do que jamais sonhou nossa filosofia / e do que nossos débitos previram*.

É nesses poemas que Wanderley trabalha com o dito e o contradito sobre sua própria figura, criando uma ironia que descamba para o desencanto, como nos poemas *Epitáfios*, *a escolher* e *E a verdade sobre os epitáfios*, ou *Epitáfios (versão Coxia)*. No primeiro, constrói de forma mais solene as frases que podem figurar em sua lápide, esforço desmontado pelo segundo poema, que o revela como homem mediano e indigno de pompa.

O título do livro parece ter duplo sentido, alusivo tanto ao processo de depuração dos romantismos baratos e ao infarto do poeta; mas também ao fato de esse coração e sua carga afetiva serem os motivos dos poemas. É o breve mundo de um autor de visível domínio estético, que se comporta de forma meio desencantada, meio engraçada, sempre consistente.



POESIA

*Coração à parte*  
Autor - Jorge Wanderley  
Editora - Luna Parque  
Páginas - 56  
Preço - R\$ 20

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

LANÇAMENTO

### Livro traz fotografias de Lula Cardoso Ayres – uma faceta pouco conhecida do artista plástico

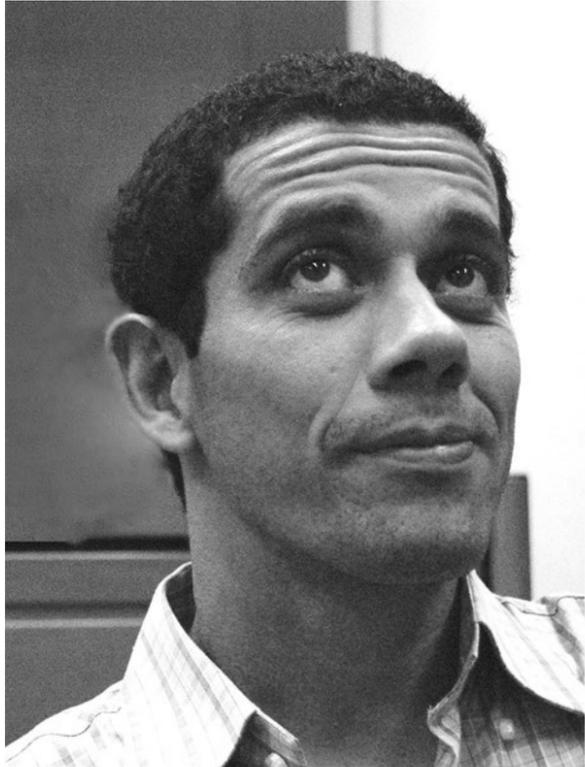
Fotografias de Lula Cardoso Ayres (foto) chegam ao público em livro da Cepe Editora, que será lançado dia 19 no espaço Caixa Cultural, no Recife Antigo. A obra importa por trazer essa faceta pouco conhecida do artista, notório por dominar enorme variedade de técnicas e estilos: do desenho à gravura, pintura, ilustração, cenografia e designer de marcas e

embalagens comerciais. Lula cultivou a fotografia primeiro como um hobby, depois como parte da sua rotina de trabalho, usando-a como base para suas composições visuais, inclusive de murais. Cerca de 200 fotografias do acervo de Lula Cardoso Ayres Filho e da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) compõem o livro, organizado pela pesquisadora Betty Lacerda.

REPRODUÇÃO



RAFAEL VIEGAS/ DIVULGAÇÃO



## Um naco de Martinelli

Ano que vem completa-se uma década da morte de Leonardo Martinelli, poeta cujos inéditos foram lançados recentemente pela Luna Parque. Em *Má formação*, lemos um mundo visto sob o triste prisma de um eu para o qual as pontas soltas do mundo parecem inconciliáveis. Em seus versos, vemos o confinamento de Hölderlin e os atentados de 2001 nos EUA parelhados pela data (11 de setembro); diversos momentos vividos por aqueles em torno do consumo de drogas (policiais, usuários, traficantes). Vemos Fabrício, um cara classe média, comum, *sem culpa nem / vergonha de ser a sombra / de um sonho malsucedido*. Mas o poeta deixa (sempre) seus rastros: surge a convivência conflitiva e saudável com as influências – Ana Cristina Cesar e, especialmente, Drummond são postos em olhar crítico, devem ser aceitos e negados. É a *Má formação* do mundo sob um olhar amargurado e

desesperançado, no qual sequer os poemas escapam, pois *Ninguém quer ser convencido / de nada que remeta ao infinito*. A obra é uma envolvente e incômoda performance de amargor e tristeza, um olhar crítico sobre o mundo e sobre a arte. Por esse motivo e por agenciar a memória de Martinelli, o livro em questão é algo bem-vindo.



### POESIA

**Má formação**  
Autor - Leonardo Martinelli  
Editora - Luna Parque  
Páginas - 64  
Preço - R\$ 20

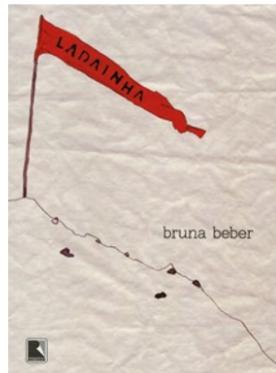
ELISA MENDES/ DIVULGAÇÃO



## Poemas para raspar

O 6º livro de Bruna Beber, *Ladainha*, é atravessado por uma poética *de corte, de raspagem, de forma / e de detalhamento* e a repetição desse tema de diferentes formas é a própria ladainha. Pois ladainha é repetição, mas também oração, e nesse fio segue a autora: nos oferta estranhamento, raspagem dos palimpsestos cotidianos, uma tensão que deve depurar o que se vê e vive. Estranhamento que atinge também o poema, esse filho irreconhecível da escrita. Porque *Todo poema carrega um rosto / e nele um susto que nunca passou*. Exercícios de diagramação (palavras dispostas de forma a criar um desenho) e tipografia (um termo grafada com algumas letras em negrito que, unidas, formam

outro termo), aliados a imagens oníricas, colocam o grandioso e o trivial lado a lado. São os estranhamentos da arte: se nos dizem que ela não tem serventia, ei-la nos poemas de Beber – que nos levam a olhar as coisas de forma não pragmática e, assim, depurar nossa capacidade de ver.



### POESIA

**Ladainha**  
Autora - Bruna Beber  
Editora - Record  
Páginas - 96  
Preço - R\$ 32,90

## PRATELEIRA

### LÓGICA E OUTROS ESCRITOS

A coletânea de textos do filósofo Étienne Bonnot, abade de Condillac, sintetiza os temas abordados em sua fase inicial, sobre sujeito, representação, interioridade, frivolidade, sistema e a relação entre pensamento e linguagem. O autor inaugurou uma filosofia da linguagem e lançou as bases do método empirista. Os textos foram organizados por Fernão de Oliveira Salles e traduzidos por Lourenço Neto e Silva e Pedro Paulo Pimenta.



**Autor:** Étienne Bonnot de Condillac  
**Editora:** Unesp  
**Páginas:** 314  
**Preço:** R\$ 69

### QUANDO AS IMAGENS TOMAM POSIÇÃO: O OLHO DA HISTÓRIA 1

Inspirado no poeta e dramaturgo Bertolt Brecht, o francês Georges Didi-Huberman, filósofo e historiador da arte, traz à tona as encruzilhadas da estética no século XX, abordando temas como a guerra, o exílio, as vanguardas e o nascimento da indústria cultural. Ao mesmo tempo, apresenta questões de filósofos e artistas acerca do lugar da imagem e das condições de uma “política da imaginação”.



**Autor:** Georges Didi-Huberman  
**Editora:** Ufmg  
**Páginas:** 279  
**Preço:** R\$ 60

### TODO AMOR

Organizado pelo escritor Eucanaã Ferraz, o livro reúne boa parte do legado romântico de Vinícius de Moraes, apresentando mais de 100 textos de cartas, poemas, crônicas e letras de música. Na verve apaixonante do Poetinha, o amor é interpretado em suas variadas nuances, desde a alegria do começo da relação, passando pelo ciúme, a entrega, o perdão, o arrependimento, até a tristeza do fim.



**Autor:** Vinícius de Moraes  
**Editora:** Companhia das Letras  
**Páginas:** 278  
**Preço:** R\$ 54,90

### O SORRISO DA HIENA

Nesta história de terror, o detetive Artur Veiga investiga uma série de crimes horripilantes que estão aterrorizando uma cidade. A trama envolve um respeitado psicólogo infantil, que realiza um estudo sobre a maldade humana: ele presenciou o assassinato dos pais quando criança e reproduz o crime em diversas famílias, para acompanhar o crescimento das crianças orfãs a fim de descobrir a influência do trauma no desenvolvimento delas.



**Autor:** Gustavo Ávila  
**Editora:** Verus Editora  
**Páginas:** 266  
**Preço:** R\$ 34,90

### CEPE NO FIG 1

#### Programação para todas as idades

A Cepe participa do 27º Festival de Inverno de Garanhuns, de 20 a 27, na Praça da Palavra. A programação inclui contação de histórias pelos grupos Tapete Voador e O Baú da Camilinha; palestra de Paulo Santos e exibição de filme sobre a Revolução de 1817; mesa redonda sobre o centenário de Hermilo Borba Filho; e lançamento de livros do Prêmio Pernambuco e do Prêmio Cepe de Literatura.

### CEPE NO FIG 2

#### Obras premiadas serão lançadas

As obras vencedoras do Prêmio Nacional Cepe de Literatura de 2016 serão lançadas nos dias 28: *Outro lugar*, romance de Luis Sérgio Krausz (SP); *Dancing Jeans - Baixo Augusta e outros contos*, de Milton Morales Filho (SP); *Arquiteturas de vento frio* (poesia), do pernambucano Walther Moreira Santos; e *Os filhos do deserto combatem na solidão* (infantojuvenil), do gaúcho Lourenço Cazarré.

### INSCRIÇÕES

#### Prêmio Cepe distribui até R\$ 80 mil a vencedores

Estão abertas até 11 de agosto as inscrições à terceira edição do Prêmio Nacional Cepe de Literatura, que distribuirá R\$ 80 mil entre os vencedores das categorias Romance, Conto, Poesia e Infantojuvenil. Além do prêmio em dinheiro, os vencedores terão suas obras publicadas pela Cepe Editora. O regulamento está disponível nos sites editora.cepe.com.br e www.cepe.com.br.



# José CASTELLO

MARIA JÚLIA MOREIRA



## Observação do insuportável

**Tento me consolar** do presente asqueroso lendo os relatos breves – mas radicais – de Clarice Lispector. Não é a primeira vez que, em momentos de desânimo, a eles recorro. Os contos e as crônicas de Clarice são como facadas que, sem piedade, fuçam o coração da miséria humana. Não para matar, ou por maldade, mas para dele arrancar uma inesperada beleza e também algum sentido. O presente é repugnante porque parece desgovernado. Clarice, empurrando com força, mas com cálculo, não só o desmascara como lhe dá uma direção. É o que acontece agora enquanto leio *O jantar*, do livro *Laços de família*, de 1960.

Mais uma vez, ela extrai sua história de quase nada. Não importa só o que acontece; importa, sobretudo, o modo como o observamos. O real não está no objeto observado, tampouco no sujeito observador: situa-se entre eles. Um homem almoça em um restaurante. Enquanto come, ele observa um velho que janta no mesmo salão. Uma mulher magra de chapéu, sentada entre os dois, lhe serve de obstáculo, mas também de esquadro. É através dela, recortado por seus movimentos, que o narrador espiona o velho.

O papel dessa mulher, personagem secundário a quem só com muito esforço damos alguma atenção, é, no entanto, decisivo. Ali postada como um lenço, ou um véu, ela é o anteparo que impede a explosão da cena. O eixo, em torno do qual os dois se movimentam e sem o qual talvez se chocassem. Na aparência, Clarice não relata nada de surpreendente. Enquanto o garçom arruma os pratos sobre a toalha, o velho conserva os olhos fechados. De repente, do nada, um garfo cai no chão, e isso, se não significa nada também, prenuncia alguma coisa. Agora o velho mastiga, enquanto o narrador, distraído, o contempla. A rotina se desenrola como um farrapo velho; só a voz submersa de Clarice, presa na garganta do narrador displacente, lhe empresta o caráter de uma ameaça.

O que se passa exatamente? Aonde Clarice pretende chegar? Imitando *O Horlá*, de Maupassant, um ser estranho e invisível, do qual, como

muito esforço percebemos apenas as pegadas, se intromete na cena. Um ser não só inacessível, mas desagradável e ameaçador; um elemento que contorce – como a um pano velho – toda a apatia do cotidiano e dela extrai um sumo venenoso. Numa palavra: o insuportável.

Descreve o narrador: “E exatamente como se não suportasse mais – o quê? – pega rápido no guardanapo e comprime as órbitas dos olhos com as mãos cabeludas”. Talvez o horror esteja nas mãos cabeludas: mas não está. Talvez nas cavidades que as mãos, envoltas no guardanapo, espremam: mas também não. Há uma presença que o velho não tolera; ela é a verdadeira protagonista do relato. O narrador continua a comer, continua a ver, continua a participar, mas “também não sabia de quê”. O personagem que interessa é esse “quê”, figura que, apenas anunciada pela mulher de chapéu, se interpõe entre os dois homens.

Tudo o que me resta é a língua, de modo que volto, eu também, ao “quê”. “Representação de algo indeterminado, indefinido”, me ajuda o Houaiss. Eis que me detenho no “quê”, que representa, ainda melhor que *O Horlá*, esse ser invisível, mas ainda assim potente, que se infiltra na ação. Ele é, de certo modo, a própria essência da ficção – que se desenrola movida por fios imperceptíveis que, no entanto, decidem seu destino.

Lembro aqui uma tela de Almeida Júnior, *O importuno*, que vi na Pinacoteca de São Paulo. Mal escondida atrás de um cavalete, uma mulher observa um pintor em seu ateliê. Esse olhar matreiro, porém, nada revela; o que ela vê é também aquilo que ela não vê. Puxando a ponta de uma pesada cortina, o pintor, também ele, observa alguma coisa que sob ela se oculta, e que escapa não só à mulher escondida, mas também a nós, que contemplamos o quadro. Há um abismo no qual a presença do insuportável se desdobra sem, no entanto, se revelar.

Agora o garçom serve um vinho. Ao prová-lo, o velho “estala a língua com desgosto como se o que era bom fosse intolerável”. De novo, mesmo tendo como veículo uma bebida saborosa,

ressurge a presença do intolerável. Algumas linhas antes, nauseado, lutando para mastigar, o narrador vê, no rosto do velho, uma lágrima. Prova de seu limite. E ainda: prova – vestígio que não se pode negar – da presença obscura que o ronda. “Nada mais acontecia”. O que pode ter importância quando nos aproximamos do limite?

Depois disso, prossegue o narrador sem nome, o velho ficou com a cara vazia. “Procuro aproveitar esse momento, em que ele não possui mais o próprio rosto, para ver afinal. Mas é inútil.” Apesar de ocupar todos os espaços da cena e até dirigi-la, o insuportável continua a escapar. Aos poucos, ele passa a se manifestar – como uma imagem muito turva refletida em uma vidraça, que mostra não o que está além dela, mas o que a antecede – nas feições do ancião. Na descrição que se segue, sem usar a palavra, Clarice nos apresenta, então, a figura de um ogro, um velho comedor de crianças, cuja decadência extrema é só o passaporte não para a piedade, mas para a crueldade.

Porque, Clarice nos leva a ver, se não resistimos ao insuportável, se não aguentamos sua ameaça e sua pressão, ele nos transforma em monstros. Esse é o grande risco do contemporâneo, que ela anteviu mais de um século atrás: um risco de morte, não da morte física, mas do desaparecimento do humano. Restariam, então, seres ociosos, que o rosto vazio do velho, logo transformado em um ser disforme, exprime tão bem. A constatação final do narrador fala disso muito bem: “Mas eu sou um homem ainda”. O tema secreto do relato de Clarice é, portanto, a resistência.

De um episódio muito pequeno, quase abjeto, Clarice Lispector arranca um retrato devastador do presente. Talvez não só do presente, mais ainda: de algo atemporal – o inominável “quê” – que nos constitui. Na direção contrária da ficção contemporânea, não precisa de grandes aventuras, de bruxarias, de assassinatos para nos gelar o espírito. Bastou-lhe capturar com as palavras, com palavras simples e uma cena banal, nossa interminável aflição.